

6. UMA ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DA BALANÇA COMERCIAL AGRÍCOLA BRASILEIRA.

O objetivo desta parte do texto será o de realizar uma análise do desempenho da balança comercial brasileira no período abordado no contexto em que foi desenvolvido o presente trabalho. Torna-se importante destacar que, mesmo levando em consideração a política comercial brasileira em relação a própria agricultura, e que sempre, conforme demonstrado anteriormente neste trabalho, atuou de forma negativa sobre a inserção internacional da mesma, a agricultura sempre apresentou superávit em sua balança comercial¹ em todo o período avaliado.

O que se pretende avaliar aqui é a reação do setor em relação a política comercial implementada, demonstrada através da inserção internacional dos produtos agrícolas brasileiros,

¹ O saldo da balança comercial é o resultado líquido das transações comerciais de mercadorias (isto é, de bens físicos) do país com o resto do mundo. Contabilmente, as exportações são lançadas a crédito, com sinal positivo, e as importações a débito, com sinal negativo. Quando as exportações de bens do país excedem as importações, registra-se um saldo comercial positivo (superávit). Contrariamente, quando as importações de bens superam as exportações, o saldo é negativo (déficit). ALMEIDA, C. O. & BACHA, C. J. Evolução do saldo da balança comercial brasileira no período de 1961 a 1996. *Revista Preços agrícolas*. Dezembro de 1997, p. 16 a 19.

levando ainda em consideração as medidas adotadas em níveis internacionais relacionadas aos fluxos de produtos agrícolas.

Na segunda parte deste capítulo realizaremos uma análise das exportações e importações agrícolas brasileiras em relação aos principais países e blocos econômicos com os quais o país tem relações comerciais, a partir dos anos 90. O que se pretende é avaliar o desempenho destas num período de abertura comercial interna e desregulamentação externa, características importantes deste período.

Historicamente, o comércio agrícola mundial apresenta cinco características importantes:

- a) elevado grau de suscetibilidade aos ciclos econômicos²;
- b) instabilidade e tendência ao declínio de preços;
- c) elevado grau de ingerência por parte dos governos nacionais;
- d) redução no nível de participação no total do comércio mundial;
- e) aumento da participação do comércio entre os países em desenvolvimento;
- f) mudanças na sua composição³.

A influência dos ciclos econômicos é de domínio comum⁴. Durante a depressão dos anos 30 as trocas internacionais foram

² *Business cycles*.

³ COELHO, Carlos Nayro. As exportações agrícolas numa estratégia de comércio exterior. **Revista de Política agrícola**. Ano VI - Nº 03 - jul-Ago-Set 1997 p. 11.

praticamente paralisadas, por outro lado durante o período de "boom" que ocorreu depois da segunda grande guerra e mesmo na década de 70, as mesmas apresentaram um intenso crescimento. Na década de 70 foi bastante perceptível o impacto dos dois choques do petróleo (1973 e 1979) e no início dos anos 80, da crise dos juros. Após 1986, a lenta recuperação da economia mundial teve seus reflexos no comércio global. Entre 1987 e 1990 ele cresceu mais de 20%. No caso do comércio de produtos agrícolas, a influência da situação econômica dos países é ainda mais acentuada, devido às características mencionadas acima, notadamente o elevado grau de intervenções governamentais⁵

No período pós-guerra até o início da década de 1970 o mundo capitalista viveu um período de rápido crescimento econômico e de amplo consenso quanto ao papel central do Estado na promoção do desenvolvimento e do Bem-estar social⁶. A

⁴ BAUMAN, R.; PRADO, L. C. D.; CANUTO, O. **A nova Economia Internacional: uma perspectiva brasileira**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1998. 392 p. KENEN, P. B (Princeton University). **Economia Internacional - Teoria e Política**, tradução da terceira Edição. Rio de Janeiro: Editora Campus. 1998. *op. cit.* p. 235-270.

⁵ Conforme COELHO, Carlos Nayro. As exportações agrícolas numa estratégia de comércio exterior. **Revista de Política agrícola**. *Op. cit* p. 11: nos períodos em que o desempenho da economia foi afetado por crises, como a crise do início da década de setenta e início da década de oitenta, o comércio agrícola foi diretamente afetado. Assim, entre 1973 e 1978 cresceu apenas 13% e entre 1983 e 1988, apenas 8%. Já entre 1963 e 1968, quando a economia mundial puxada pela economia americana ainda refletia o dinamismo da década anterior, o índice chegou a 23%. No período 1968-1973, a queda de % pontos percentuais com relação ao período anterior (1963-1968), mostra o início da perda do dinamismo do modelo de crescimento implantado no pós-guerra. A ligeira recuperação entre 1978 e 1983 é fruto do arrefecimento da crise que afetou de forma dramática a grande maioria dos países em desenvolvimento por quase toda a década de oitenta.

⁶ Conforme CARVALHO, Maria Auxiliadora, Agricultura Brasileira e comércio internacional., **página da Internet...** A lógica da intervenção pública

partir daí o papel do estado como alocador eficiente dos recursos econômicos passa a ser duramente questionado, e os países paulatinamente começam a dismantelar suas estruturas produtivas organizadas em torno de um estado protetor e produtor.

Com a agricultura, no entanto o processo não se dá da mesma forma. Desde os anos 30, a agricultura é o setor mais protegido nos países desenvolvidos⁷, e o mesmo tem aumentado sistematicamente a medida que ocorrem as crises no sistema capitalista mundial⁸.

Com a crise internacional do comércio que ocorreu nos anos 70, em função dos choques do petróleo (1973 e 1979) a partir dos quais, os países passaram a adotar medidas protecionistas, principalmente em relação aos mercados agrícolas, o aumento das exportações de produtos manufaturados se tornou natural uma vez que estes produtos permitem mais facilmente burlar

eram as falhas do mercado na alocação eficiente dos recursos cujo marco foi a grande depressão dos anos 30. A economia Keynesiana somada à teoria dos bens públicos, externalidades e imperfeições do mercado forneceram o referencial básico para a franca implementação das políticas públicas.

⁷ Sobre os fundamentos dos interesses liberais e protecionistas no comércio agrícola mundial, ver: ABREU & LOYO (1994), HAHN (1992 e 1993), HOWARTH (1988) e FRIEDMANN (1982).

⁸ Conforme VEIGA, José Eli. **Metamorfoses da Política Agrícola**, Tese de Doutorado, p. 3. É claro que inexistente qualquer lei que relacione amparo aos agricultores e fartura alimentar. Sob o ângulo teórico, é perfeitamente concebível que o livre funcionamento dos mercados também garanta comida à sociedade de massa. O problema é que não há, até o momento, um único exemplo histórico que confirme essa possibilidade abstrata. Ao contrário, não somente todos os países industrializados protegem suas agriculturas, como a necessidade dessa proteção chega até a ser relacionada a rapidez do crescimento econômico. As mudanças da política agrícola do Japão, em 1961, ou de Taiwan, em 1973, são semelhantes às que aconteceram nos Estados Unidos em 1933 e em muitos países do oeste europeu na década de 50. Um mesmo padrão protetor de política agrícola acabou vingando em todos os países capitalistas desenvolvidos.

(através de diferenciação) as restrições impostas pelos acordos de restrições voluntárias à exportação que permearam toda a década e mesmo os anos 80.

TABELA 5 - PARTICIPAÇÃO NO COMÉRCIO MUNDIAL DE PRODUTOS AGRÍCOLAS E NÃO-AGRÍCOLAS NO PERÍODO DE 1970 A 2002 (US\$ BILHÕES FOB).

Ano	Comércio Agrícola	%	Comércio não agrícola	%	Total
1970	53,5	18,9	228,5	81,1	282,0
1975	122,4	17,8	674,0	82,2	796,4
1980	232,5	14,4	1.801,5	85,6	2.034,0
1985	208,5	13,2	1.741,5	86,8	1.950,0
1990	326,6	10,8	3.112,4	89,2	3.439,0
1991	329,1	10,5	3.122,1	89,5	3.451,2
1992	358,0	10,7	3.300,0	89,3	3.658,0
1993	339,0	9,7	3.425,2	90,3	3.764,2
1994	388,2	9,7	3.894,9	90,3	4.283,1
1995	442,5	9,1	4.633,5	90,9	5.076,0
1996	465,5	8,5	4.878,5	91,5	5.344,0
1997	455,5	8,2	5.076,5	91,8	5.532,0
1998	438,1	8,1	4.995,9	91,9	5.434,0
1999(1)	417,3	7,4	5.193,7	92,6	5.611,0
2000(2)	409,2	6,6	5.770,8	93,4	6.180,0

Fonte: FAO.

Elaboração Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA/ Secretaria de Política Agrícola – SPA.

(1) – Preliminar.

(2) – Previsão.

Conforme demonstra a tabela 5, os produtos agrícolas vem apresentando, sistematicamente, uma diminuição na participação no comércio mundial total. No que tange ao sistema alimentar, registra-se uma crescente participação do produto alimentício processado. Neste sentido, Henderson et al. (1998)⁹, aponta que entre 1972 e 1993 o valor do comércio de produtos processados cresceu 574% contra um crescimento de 355% das *commodities*. Em

⁹ HENDERSON, D.R. et al. (1998) International commerce in the food sector: patterns and curiosities”, in “Global Markets for processed foods: theoretical and practical issues (editado por Pick, D.H., Henderson, D.R., Kinsey, J., e, Seldon, I.M., Westview Press).

1993, a participação dos alimentos processados em relação ao total do comércio mundial do setor de alimentos foi de 67%.

A tabela 6 abaixo apresenta alguns dados sobre o volume de proteção destinado a agricultura de países industrializados, e mostra que os valores transferidos para a agricultura em vários destes países estão muito próximo da participação desta no PIB. A União Européia e o Japão destinam respectivamente 1,7% e 1,8% de seus PIBs para a agricultura, enquanto que estas representam 1,9% 1,7% do PIB de suas economias, ou seja, praticamente o mesmo valor.

TABELA 6 - TOTAL DAS TRANSFERÊNCIAS PARA A AGRICULTURA EM PAÍSES SELECIONADOS DA OECD EM 1995 (US\$ BILHÕES)

Países	Transferências Totais	Transferências Totais (Percentual do PIB)	PIB Agrícola (Percentual do PIB)
EUA	74.6	1.0	1.5 ^a
Canadá	5.3	0.9	1.6 ^a
UE	144.9	1.7	1.9 ^a
Japão	91.6	1.8	1.7 ^a
OECD	336.0	1.7	1.7 ^c

FONTE: OECD (1996).

^a 1994

^b1990-92

^c1994 (Excluindo Islândia, Japão e Turquia).

O volume de subsídios destinados aos produtos agrícolas pelos países desenvolvidos chega a 1 bilhão de dólares dia, seis vezes mais do que é destinado a assistência ao desenvolvimento¹⁰. Destaca ainda o relatório que nos países menos desenvolvidos existem grandes volumes de subsídios, mas

¹⁰ Segundo relatório do Banco Mundial, publicado em outubro de 2001.

são destinados à indústria, numa tentativa de superar o atraso no processo de industrialização.

Uma das características mais marcantes das relações comerciais contemporâneas é a tendência dos países mais desenvolvidos a aumentar sua participação nas exportações de produtos agropecuários¹¹ enquanto os mais pobres aumentam suas importações¹².

Os grandes avanços nas áreas de transportes, comunicações e informática e a derrocada das economias socialistas, provocaram importantes alterações nas rotas do comércio agrícola, no sentido do processo de globalização. Com assinatura dos acordos da Rodada Uruguai, esse processo adquiriu um novo ímpeto e, atualmente de uma forma ou de outra¹³, todos os países do mundo estão sendo afetados pela

¹¹ Conforme COELHO, Carlos Nayro. As exportações agrícolas numa estratégia de comércio exterior. **Revista de Política agrícola**. Ano VI - Nº 03 - jul-Ago-Set 1997 p. 13; Considerando o comércio agrícola internacional entre os países europeus (cerca de 35% do total), cabe destacar que em 1996 a Europa participou com 43,5% das exportações globais e com 39,6% das importações. Em 1990 participou com 48,5% das exportações e com 50,8% das importações.

¹² Ainda conforme COELHO, Carlos Nayro. As exportações agrícolas numa estratégia de comércio exterior. **Revista de Política agrícola**. Op. Cit p. 13, em termos de importações, as maiores taxas de crescimento ocorreram na América do Sul e na Ásia. Entre 1990 e 1996, a importações da Ásia passaram de US\$ 85,7 bilhões para US\$ 164,1 bilhões (um acréscimo de 91,5%) e da América do Sul de US\$ 5,3 bilhões para US\$ 13,8 bilhões (160%). Em ambos os continentes é notória a influência dos acordos de liberalização da OMC, assinados em 1993 e do Mercosul, já que o crescimento das importações do continente sul-americano refletem o comércio intramercosul.

¹³ Segundo HENDERSON, D.R. et al. (1998) *International commerce in the food sector: patterns and curiosities*", in "Global Markets for processed foods: theoretical and practical issues (editado por Pick, D.H., Henderson, D.R., Kinsey, J., e, Seldon, I.M., Westview Press).; como indício do não cumprimento de muitas resoluções do acordo, nota-se que as tarifas que incidiam sobre os produtos tropicais não foram zeradas. Algumas tarifas desses produtos foram reduzidas, nos países desenvolvidos, em apenas 15%, que era o nível mínimo. Houve até mesmo o recrudescimento de problemas de acesso a mercados desenvolvidos (União Européia) como no caso da "guerra da banana", que prejudicou muitos países da região

crescente liberalização dos mercados, e pelo que isso representa em termos de aumento no fluxo mundial de bens e serviços e no movimento internacional de capitais¹⁴.

A tendência na direção da globalização, liberalização dos mercados e integração tem afetado de forma diferente os participantes do comércio agrícola mundial. Nas exportações, alguns países que reconhecidamente dispõe de uma infraestrutura moderna e eficiente, e atuam de forma mais agressiva na expansão dos mercados tradicionais e na conquista de novos mercados, os resultados são facilmente perceptíveis. Os Estados Unidos por exemplo, aumentaram em mais de 12 bilhões suas exportações (pouco menos que o equivalente às exportações brasileiras de 1996), entre 1993 e 1996, cerca de 26% de aumento¹⁵. Nos países em Desenvolvimento o maior índice de crescimento foi o observado na Tailândia (60%) seguido do Brasil (49,4%) da Malásia (36%) e da Argentina (25,3%)¹⁶.

¹⁴ COELHO, Carlos Nayro. As exportações agrícolas numa estratégia de comércio exterior. **Revista de Política agrícola**. Ano VI - Nº 03 - jul-Ago-Set 1997 p. 7.

¹⁵ A Austrália no mesmo período aumentou suas exportações em 37,8%, a Nova Zelândia, 30,6%.

¹⁶ COELHO, Carlos Nayro. As exportações agrícolas numa estratégia de comércio exterior. **Revista de Política agrícola**. Op. Cit. P. 13

6.1 A BALANÇA COMERCIAL AGRÍCOLA BRASILEIRA.

Em termos de economia brasileira o grande legado dos anos 70 foi a modernização da agricultura, que modificou sua estrutura com a iniciação do processo de industrialização da mesma¹⁷. Sendo assim, o tipo de produto de origem agrícola que passa a compor a pauta de exportações já não é mais o produto primário apenas, mas sim, produtos com diferentes níveis de processamento da indústria. Portanto a análise da balança comercial do conjunto das atividades agroindustriais, hoje, não pode deixar de levar em consideração essas mudanças.

Apesar de ser a oitava economia do mundo com um PIB de R\$ 1 trilhão e 200 bilhões em 2001¹⁸, o Brasil ocupa apenas o 19º lugar na lista dos maiores exportadores mundiais e como foi visto, o 8º lugar na lista dos exportadores agrícolas. Em termos de participação nas exportações e importações mundiais os índices refletem a preocupação quase obsessiva durante

¹⁷ No Brasil, para compensar os efeitos negativos da política de incentivo ao processo de industrialização, garantir o aumento da produção de alimentos, de forma a permitir a intensa urbanização do período, foram criadas medidas que facilitassem a difusão do progresso tecnológico. As minidesvalorizações cambiais, a política de preços mínimos, o crédito rural subsidiado e por conseguinte as exportações subsidiadas, foram medidas que incentivaram a rápida modernização da agricultura.

¹⁸ Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisa, Departamento de Contas nacionais. Em dólares, esse resultado soma algo em torno de US\$ 501,694 bilhões, tendo como base a média de cotação da moeda norte-americana no ano passado, que foi de 2001 que foi de 2,36. Em 2000, o PIB brasileiro somo US\$ 594,247 bilhões.

muitos anos, de se obter superávits a qualquer custo na balança comercial, e o pouco caso dado à expansão do comércio exterior como estratégia de desenvolvimento e aumento de bem-estar¹⁹.

Na tabela 7 abaixo estão apresentadas as exportações brasileiras por fator agregado no período entre 1964 e 2002, que apesar de não apresentar uma separação da agricultura pode fornecer dados importantes sobre a inserção internacional da economia brasileira.

Avaliando-se as suas exportações dentro de um contexto geral, infere-se que as exportações brasileiras de produtos básicos apresentaram uma tendência de crescimento durante o período como um todo, embora apresentasse momentos de inflexão desta tendência como nos anos de 1967 (-9,8%), em 1971 (-3,0), em 1978 (-14,1%), 1982 (-7,6%), 1985 (-1,9%), 1986 (-14,7%), 1990 (-8,4%), 1991 (-0,1%), 1995 (-10,3%) e 1999 (-8,9%)²⁰.

¹⁹ FAGUNDES, M. H. (org). **Políticas agrícolas e o comércio mundial**. Brasília: IPEA, 1994. Estudos de Política agrícola, 28. p. 305.; FRISTAK, c. r, & PESSOA, C. M. S. Política Industrial e expansão das exportações: uma proposta de ação. **Revista Brasileira de Comércio Exterior**, Rio de Janeiro, ^a 12, n. 60, p 4 - 11, jul./ago./set. 1999. MACHADO, J. B. M. GATT 1994: uma avaliação dos principais acordos e dos impactos sobre a política comercial brasileira. **Revista Brasileira de Comércio Exterior**, Rio de Janeiro, v. 10, nº 40, p. 42-50, jul/set. de 1994.

²⁰ Dados da tabela 7

TABELA 7 - EXPORTAÇÃO BRASILEIRA POR FATOR AGREGADO - 1964 A 2002 - VALORES EM US\$ MILHÕES FOB

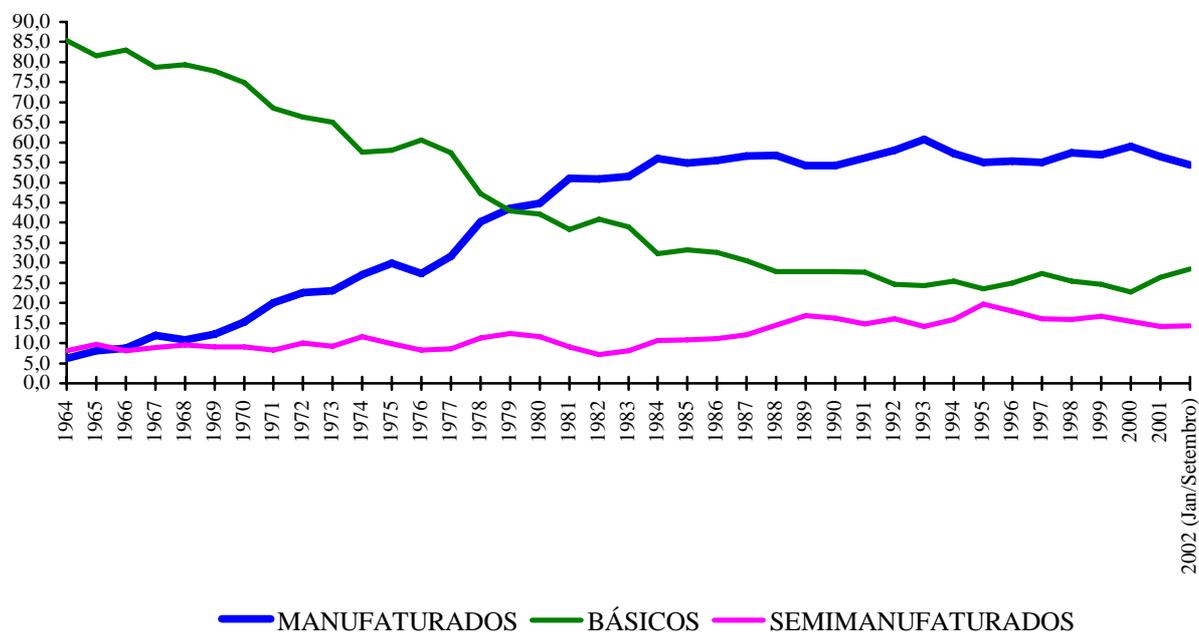
Anos	Básicos		Semimanufatura		Manufaturado		Total Geral		Part. sobre Total		
	Valor	(*)	Valor	(*)	Valor	(*)	Valor	(*)	Básicos	Semi.	Manuf.
1964	1.221	-	115	-	89	-	1.430	-	85,4	8,0	6,2
1965	1.301	6,6	154	33,9	130	46,1	1.595	11,5	81,6	9,7	8,2
1966	1.444	11,0	141	-8,4	152	16,9	1.741	9,2	82,9	8,1	8,7
1967	1.302	-9,8	147	4,3	196	28,9	1.654	-5,0	78,7	8,9	11,9
1968	1.492	14,6	178	21,1	202	3,1	1.881	13,7	79,3	9,5	10,7
1969	1.796	20,4	211	18,5	284	40,6	2.311	22,9	77,7	9,1	12,3
1970	2.049	14,1	249	18,0	416	46,5	2.738	18,5	74,8	9,1	15,2
1971	1.988	-3,0	241	-3,2	581	39,7	2.904	6,1	68,5	8,3	20,0
1972	2.649	33,2	399	65,6	898	54,6	3.991	37,4	66,4	10,0	22,5
1973	4.030	52,1	574	43,9	1.434	59,7	6.199	55,3	65,0	9,3	23,1
1974	4.577	13,6	917	59,8	2.147	49,7	7.951	28,3	57,6	11,5	27,0
1975	5.027	9,8	849	-7,4	2.585	20,4	8.670	9,0	58,0	9,8	29,8
1976	6.129	21,9	842	-0,8	2.776	7,4	10.128	16,8	60,5	8,3	27,4
1977	6.959	13,5	1.044	24,0	3.840	38,3	12.120	19,7	57,4	8,6	31,7
1978	5.978	-14,1	1.421	36,1	5.083	32,4	12.659	4,4	47,2	11,2	40,2
1979	6.553	9,6	1.887	32,8	6.645	30,7	15.244	20,4	43,0	12,4	43,6
1980	8.488	29,5	2.349	24,5	9.028	35,9	20.132	32,1	42,2	11,7	44,8
1981	8.920	5,1	2.116	-9,9	11.884	31,6	23.293	15,7	38,3	9,1	51,0
1982	8.238	-7,6	1.433	-32,3	10.253	-13,7	20.175	-13,4	40,8	7,1	50,8
1983	8.535	3,6	1.782	24,4	11.276	10,0	21.899	8,5	39,0	8,1	51,5
1984	8.706	2,0	2.872	61,2	15.132	34,2	27.005	23,3	32,2	10,6	56,0
1985	8.538	-1,9	2.758	-4,0	14.063	-7,1	25.639	-5,1	33,3	10,8	54,9
1986	7.280	-14,7	2.491	-9,7	12.404	-11,8	22.349	-12,8	32,6	11,1	55,5
1987	8.022	10,2	3.175	27,5	14.839	19,6	26.224	17,3	30,6	12,1	56,6
1988	9.411	17,3	4.892	54,1	19.187	29,3	33.789	28,8	27,9	14,5	56,8
1989	9.549	1,5	5.807	18,7	18.634	-2,9	34.383	1,8	27,8	16,9	54,2
1990	8.746	-8,4	5.108	-12,0	17.011	-8,7	31.414	-8,6	27,8	16,3	54,2
1991	8.737	-0,1	4.691	-8,2	17.757	4,4	31.620	0,7	27,6	14,8	56,2
1992	8.830	1,1	5.750	22,6	20.754	16,9	35.793	13,2	24,7	16,1	58,0
1993	9.366	6,1	5.445	-5,3	23.437	12,9	38.555	7,7	24,3	14,1	60,8
1994	11.058	18,1	6.893	26,6	24.959	6,5	43.545	12,9	25,4	15,8	57,3
1995	10.969	-0,8	9.146	32,7	25.565	2,4	46.506	6,8	23,6	19,7	55,0
1996	11.900	8,5	8.613	-5,8	26.413	3,3	47.747	2,7	24,9	18,0	55,3
1997	14.474	21,6	8.478	-1,6	29.194	10,5	52.994	11,0	27,3	16,0	55,1
1998	12.977	-10,3	8.120	-4,2	29.387	0,7	51.140	-3,5	25,4	15,9	57,5
1999	11.828	-8,9	7.982	-1,7	27.329	-7,0	48.011	-6,1	24,6	16,6	56,9
2000	12.562	6,2	8.499	6,5	32.528	19,0	55.086	14,7	22,8	15,4	59,0
2001	15.342	22,1	8.244	-3,0	32.900	1,1	58.223	5,7	26,4	14,2	56,5
2002 (Jan/Setembro)	12.412	4,4	6.246	2,6	23.696	-4,8	43.518	-1,9	28,5	14,4	54,5

FONTE: http://www.agricultura.gov.br/spa/pagespa/ch08/8_7.xls - acesso em 20/10/02

(*) Variação % sobre o período anterior

(**) A diferença entre o Total Geral e o somatório dos Básicos, Semimanufaturados e Manufaturados refere-se a Operações Especiais.

FIGURA 2 - EXPORTAÇÃO BRASILEIRA POR FATOR AGREGADO - 1964 A 2002 - PARTICIPAÇÃO % SOBRE O TOTAL GERAL



Fonte: Dados da tabela 7.

É interessante destacar que as exportações de produtos básicos que representava 85% das exportações em 1964 passaram em 2001 a representar 26,4% do volume exportado, embora as exportações de produtos agrícolas tenham apresentado um crescimento constante em todo o período avaliado, denotando assim a intensidade do processo de crescimento e industrialização vivido nesse período pela economia brasileira²¹.

²¹ Obras importantes relativas ao processo de industrialização: TAVAREZ, M. C. **Da substituição de importações ao capitalismo financeiro**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. FURTADO, C. **Formação Econômica do Brasil**. 8. ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1980. TEIXEIRA, F. M. D. **História econômica e administrativa do Brasil**. São Paulo: Ática, 1989. SIMONSEN, M. H. **Brasil 2001**. Rio de Janeiro: APEC, 1979. PRADO JUNIOR, C. **História Econômica do Brasil**. 30^a. ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984. 363 p. PEREIRA, Luiz Carlos. **Economia Brasileira: uma introdução crítica**. 5^a Ed. Brasília. Ed.

Os semimanufaturados que eram responsáveis por 8% das exportações passaram a representar 14,4%, num crescimento relativamente modesto. Esses produtos tiveram seu maior incremento no volume exportado durante os anos 70, fruto mais uma vez do amadurecimento do parque industrial brasileiro.

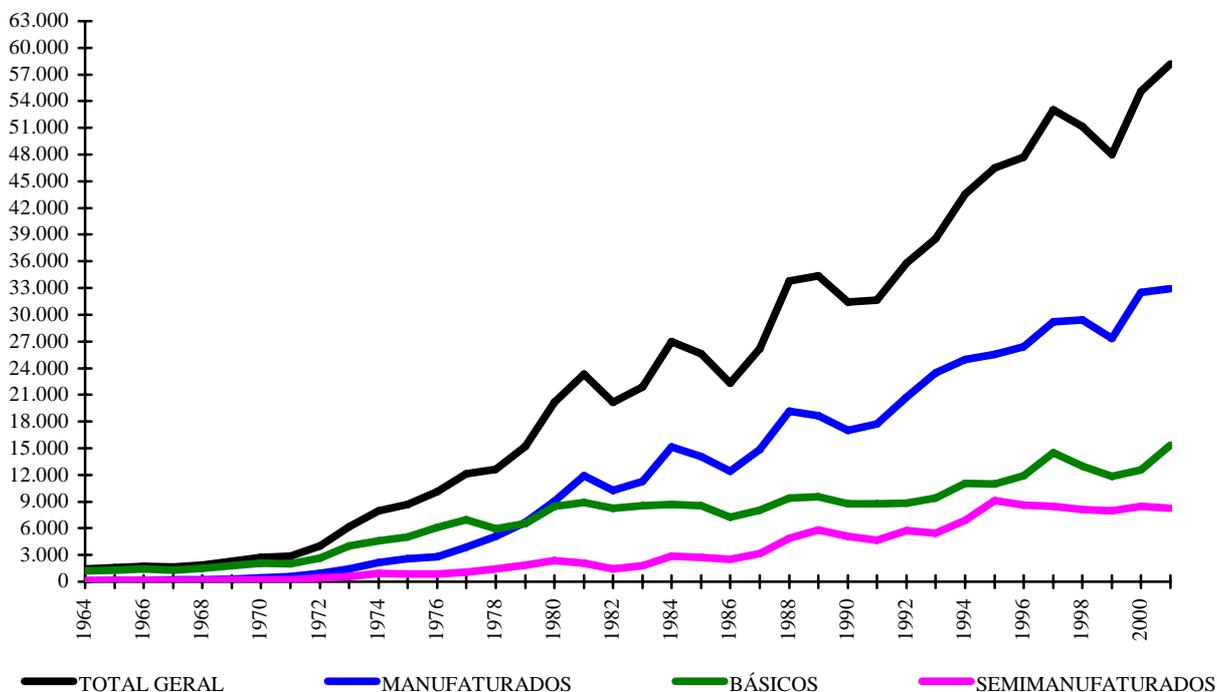
Já as exportações de manufaturados em geral subiram de 6,2% do total exportado para 54,5%, ratificando mais uma vez o processo de industrialização do país. Somente na década de 70, as exportações de produtos manufaturados passaram de 15,2% do total exportado para 44,8% somente na década de 70.

Na década de 80, é importante destacar o ano de 1986, ano da implantação do Plano Cruzado, que provocou uma momentânea redistribuição da renda²², moratória da dívida externa, entre outras importante mudanças econômica, provocando uma redução importante nas exportação, 14,7%, 9,7% e 11,8 nos produtos básicos, semi-manufaturados e manufaturados respectivamente.

Brasiliense. 1986. 191 p. SUZIGAM, W. **Industrialização brasileira: origem e desenvolvimento**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

²² BRAGA, C. A. P.; TOLEDO, J. E. C; CHAHAD, J. P. Z.; RIZZIERI, J. A. B; CARVALHO, L. C. P. (ORG). **O plano Cruzado: na visão dos economistas da USP**. São Paulo. Livraria Pioneira Editora, 1986. p. 214.

FIGURA 3- EXPORTAÇÃO BRASILEIRA POR FATOR AGREGADO - 1964/2001
VALORES EM US\$ MILHÕES FOB.



Fonte: Dados da tabela 7

Na tabela 8, está demonstrada a evolução da participação da agricultura na balança comercial brasileira. Em 1970, apesar do intenso processo de industrialização pelo qual o país havia passado nas duas décadas anteriores²³, a agricultura era responsável por 74,1% das exportações nacionais, embora, como pode ser constatado na tabela 4, o país fosse responsável por apenas 2% das exportações agrícolas mundiais.

²³ Como conseqüência do processo de substituição de importações, e também de uma série de eventos internacionais, o fluxo de exportações e importações neste período foi mínimo, caracterizado como "no osso" por CASTRO E LESSA em seu livro *Economia Brasileira em Marcha Forçada*.

TABELA 8 - PARTICIPAÇÃO DA AGRICULTURA NA BALANÇA COMERCIAL
Brasil (em bilhões de dólares e %).

ANO	EXPORTAÇÕES			IMPORTAÇÕES			SALDO		
	Tot	Agríc	%	Tot	Agríc	%	Tot	Agríc	%
1970	2,7	2,0	74,1	2,8	0,3	10,7	-0,1	1,7	--
1975	13,6	8,9	65,4	13,5	0,8	5,9	0,1	8,1	99,8
1980	20,1	9,4	46,8	25,0	2,5	10,0	-4,9	6,9	--
1985	25,6	8,8	34,4	13,1	1,1	8,4	12,4	7,6	61,2
1986	22,3	7,1	31,8	14,0	2,3	16,4	8,3	4,8	57,8
1987	26,2	8,5	32,4	15,0	1,3	8,7	11,1	7,1	63,9
1988	33,7	10,0	29,7	14,6	0,9	6,2	19,1	9,0	47,1
1989	34,3	9,5	27,7	18,2	1,9	10,4	16,1	7,5	46,6
1990	31,4	8,5	27,1	20,6	2,3	11,2	10,7	6,2	57,9
1991	31,6	7,5	23,7	21,0	2,7	12,9	10,5	4,8	45,7
1992	36,1	8,6	23,8	20,5	2,2	10,7	15,5	6,4	41,3
1993	38,7	9,4	24,3	25,4	2,8	11,0	13,2	6,6	50,0
1994	43,5	12,3	28,3	33,1	4,0	12,1	10,3	8,2	79,6
1995	46,5	13,5	29,0	49,8	5,8	11,6	-3,3	7,6	--
1996	47,7	14,5	30,4	53,2	6,1	11,5	-5,5	8,4	--
1997	53,0	16,0	30,2	59,7	6,5	10,9	-6,7	9,5	--
1998	51,1	15,2	29,7	57,7	5,8	10,1	-6,6	9,4	--
1999	48,0	13,8	28,8	49,3	4,1	8,3	-1,3	9,7	--
2000	55,1	12,8	23,2	55,8	4,2	7,5	-0,7	8,6	--
2001	58,2	0,0	0,0	55,6	0,0	0,0	2,6	0,0	--
2002**	7,6	0,0	0,0	7,2	0,0	0,0	0,4	0,0	--

FONTE: MINISTÉRIO do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/indicadores/intercambio.htm>>

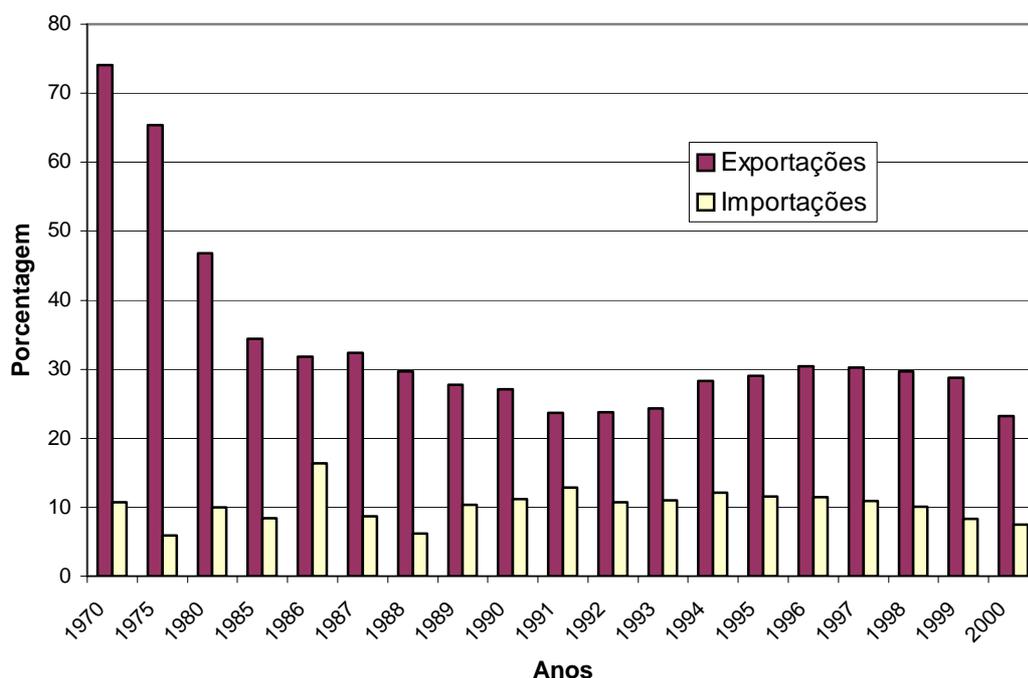
** Janeiro a Fevereiro.

Conforme se constata através dos dados apresentados nas tabelas anteriores, a partir da década de 70, a inserção da agricultura brasileira no mercado internacional passa a ser também determinada pela dinâmica da indústria²⁴. É fato consumado na literatura a questão de que o comércio de produtos agrícolas industrializados não mais se adapta ao referencial teórico tradicional que explica o comércio de

²⁴ CARNEIRO, R. **Crise, estagnação e hiperinflação** (a economia brasileira nos anos 80). Campinas, 1991. 148 p. Tese (Doutorado) - Instituto de Economia - UNICAMP.

produtos agrícolas²⁵. Constatase que as vantagens que serão obtidas no mercado internacional por esses produtos são muito mais determinadas pelas características da concorrência oligopolística, como diversificação e diferenciação²⁶.

FIGURA 4 - PARTICIPAÇÃO DA AGRICULTURA NA BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA (%) - EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES.



Fonte: Dados da tabela 8.

No Brasil, os produtos destinados ao mercado externo foram os que apresentaram maior crescimento em termos de volume produzido, enquanto que a agricultura de mercado

²⁵ KENEN, Peter B (Princeton University). **Economia Internacional - Teoria e Política**, tradução da terceira Edição. Rio de Janeiro. Editora Campus. 1998. op. cit. p. 235-270; FRIEDMANN, Harriet. **The Political Economy of food: the rise and Fall of the Postwar International Food Order**. The University of Chicago. 1982. P. 249-286.

²⁶ McCONNELL, Campbel & BRUE, Stanley L. **Microeconomia: Princípios, problemas e políticas**. 14ª ed. Rio de Janeiro. ED. LTC - Livros técnicos e científicos. 2001. Capítulo 9.

interno teve um desempenho inferior. Os aumentos de preços no mercado internacional tiveram importante papel nesse direcionamento da agricultura, uma vez que os produtos destinados ao consumo interno tinham seus preços deprimidos em função da atuação do governo na garantia de alimentos a um custo menor para a população, que tinham por sua vez o papel de garantir os níveis de lucratividade dos setores industriais que se intentava desenvolver no país²⁷.

A partir do choque do petróleo em 1979, ocorrem grandes mudanças na política comercial brasileira motivados pelas crises que se abatem sobre o comércio internacional²⁸. A maioria dos países viu seu saldo da balança comercial tornar-se negativo rapidamente, a partir da elevação dos custos de importação de energia. Para reequilibrar as contas foram adotadas medidas de incentivo às exportações e diminuição de importações²⁹. Conseqüentemente, ocorreu uma diminuição do volume de trocas internacionais, com aumento das medidas

²⁷ Maiores detalhes sobre o tema ver: HOMEM DE MELO, F. O crescimento agrícola brasileiro nos anos 80 e as perspectivas para os anos 90. **Revista de Economia política**, São Paulo, 10(3): 22-30, jul-set/1990. OLIVEIRA, Francisco de. **A economia brasileira; Crítica à razão dualista**. Petrópolis: Vozes, 1985.

²⁸ CARVALHO, M. A.; SILVA, C. R. Políticas de ajustamento e as relações agricultura-indústria no Brasil. **Revista de economia Política**, São Paulo, 3 (39), p. 56-87, jul./set. 1990.

²⁹ CASTRO, A. S.; GIAMBIAGI, F.; REIS, E. et al. O Balanço de pagamentos e o passivo externo do Brasil: perspectivas de médio prazo. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 3, p. 443-471, dez. 1988.

protecionistas por parte das nações e o acirramento dos conflitos comerciais³⁰.

Quanto a política comercial brasileira, esta se ajusta ao novo contexto internacional com desvalorizações sistemáticas da moeda, numa tentativa de dar maior competitividade às exportações do país³¹. Nas tabelas 9 e 10 abaixo, percebe-se com clareza, as oscilações da participação da agricultura brasileira no mercado internacional.

A tabela 9 mostra que entre 1970 e 2001, apesar de o volume de importações mundiais ter passado de US\$ 287,1 bilhões para US\$ 6.427,8 bilhões, o Brasil apenas manteve a sua participação relativa nas importações mundiais, que é em torno de 0,95%. Quanto às importações agrícolas brasileiras, somente a partir de 1994, começaram a ultrapassar 1%, resultado esse influenciado pelas novas regras da OMC. De qualquer modo, as importações agrícolas e totais do Brasil cresceram na mesma proporção entre 1970 e 2001 (vinte vezes, demonstrando o alto poder de compra da moeda nacional, o real, supervalorizado no período, como parte do plano de

³⁰ BAUMAN, R.; PRADO, L. C. D.; CANUTO, O. **A nova Economia Internacional: uma perspectiva brasileira**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1998. p. 67-96.

³¹ Conforme tratado anteriormente neste mesmo trabalho e também pelos autores: CASTRO, A. B. & SOUZA, F. E. **A economia brasileira em marcha forçada**. Rio de Janeiro, Paz e Terra.; BAER, Werner. **A economia Brasileira**. São Paulo, Nobel. 1996. p. 104 -130; LOPES, Mauro R. Restrições às trocas internacionais mais livres e desgravadas no Processo de Integração Latino Americana: o papel das dificuldades criadas pelo acordo do GATT em agricultura. In: **Seminário sobre questões agroalimentares e experiências de integração regional e Sub-regional depois da Rodada Uruguai do GATT**: União Européia, Mercosul, Nafta: confronto de experiências. (org.) CPDA/REDCAPA/FAO. Rio de Janeiro. 29 p. Conforme GRAZIANO DA SILVA, José **A nova dinâmica da agricultura brasileira**. Campinas UNICAMP, 1996.

estabilização implementado³². As importações totais passaram de US\$ 2,8 bilhões para US\$ 55,5 bilhões, e as agrícolas de US\$ 300,00 milhões para 4,2 bilhões acompanhando o mesmo movimento ascendente.

TABELA 9 - PARTICIPAÇÃO DO BRASIL NAS IMPORTAÇÕES MUNDIAIS, EM US\$ BILHÕES E %.

ANO	IMPORTAÇÕES TOTAIS			IMPORTAÇÕES AGRÍCOLAS		
	Mundiais	Brasil	%	Mundiais*	Brasil	%
1970	287,1	2,8	0,98	62,2	0,3	0,48
1975	801,3	13,5	1,68	137,2	0,8	0,58
1980	1.855,6	25,0	1,35	254,8	2,5	0,98
1985	1.792,4	13,2	0,74	224,1	1,2	0,54
1990	1.609,6	20,7	1,29	353,0	2,4	0,58
1991	1.609,3	21,0	1,30	354,8	2,7	0,76
1992	3.874,6	20,6	0,53	383,1	2,2	0,57
1993	3.769,3	25,3	0,68	351,2	2,8	0,80
1994	4.288,8	33,1	0,77	404,9	4,4	1,03
1995	5.027,2	49,8	0,99	461,8	6,2	1,33
1996	5.351,4	53,3	0,95	479,1	6,2	1,34
1997	5.502,0	59,7	1,09	467,3	6,5	1,39
1998	5.658,0	57,7	1,02	455,6	5,8	1,27
1999	5.876,0	49,3	0,84	441,6	4,1	0,93
2000	6.621,8	55,8	0,88	432,3	4,2	1,07
2001	6427,8*	55,6	-	-	-	-
2002	6516,8*	7,2**	-	-	-	-

FONTE: http://www.agricultura.gov.br/spa/pagespa/ch08/8_6.xls

* Estimativa do FMI (Dezembro/2001).

** Janeiro a Fevereiro.

Pesquisa realizada em 20 de outubro de 2002

A participação do país nas importações mundiais totais não apresentou grandes alterações. No entanto, percebe-se uma

diminuição percentual no volume de importações mundiais de 1,68% para 1,35%, que denota o efeito da retração que ocorreu, gerado pela crise do petróleo³³.

Quanto às importações agrícolas, que apresentaram crescimento entre 1970 e 1980, de 0,48% para 0,98% do total das importações, estas encontram na política agrícola implementada naquele período grande parte da explicação para tais acréscimos³⁴, já que havia a preocupação de se aumentar a produtividade e a produção incorporando novas técnicas de cultivo com a utilização de insumos e tecnologia importados. Outra explicação para esse aumento se encontra no crescimento do setor exportador agrícola, em detrimento à produção de alimentos destinada ao mercado interno, forçando a realização de importações para fim de evitar uma elevação dos preços³⁵.

Em 1985 o Brasil foi responsável por 0,54% das importações agrícolas mundiais e respondeu por 4,22% das exportações, demonstrando a clara opção de política econômica e comercial do período, ou seja, o incremento das exportações

³² KUME, Honório. **A política de importação no Plano Real e a estrutura de proteção efetiva.** Texto para discussão n° 423,(s.l.),IPEA. Maio de 1996, p. 16.

³³ Essa pequena oscilação também se explica pelo fato de a economia do país ser extremamente fechada aos fluxos de comércio, e portanto, as importações realizadas se restringiam apenas a produtos não fabricados no país e de necessidade para o processo produtivo interno.

³⁴ GASQUES, J. G. & CONCEIÇÃO, J. C. Transformações Estruturais da Agricultura e Produtividade Total dos fatores. IN: GASQUES, J. G. & CONCEIÇÃO, J. C **Transformações da Agricultura e Políticas públicas.** IPEA, 17-94, 2001.

³⁵ Conforme CARVALHO, M.A. & SILVA, C. R. Políticas de ajustamento e as relações agricultura-indústria no Brasil. **Revista de economia Política**, São Paulo, 3(39):56-87, jul.-set/1990.

agrícolas como forma de ajuste da Balança de Pagamentos. A insignificante participação do país nas importações mundiais também vai ao encontro da opção de política comercial brasileira, ou seja, grandes superávits comerciais³⁶.

TABELA 10- PARTICIPAÇÃO DO BRASIL NAS EXPORTAÇÕES MUNDIAIS, EM US\$ BILHÕES E %.

ANO	EXPORTAÇÕES TOTAIS			EXPORTAÇÕES AGRÍCOLAS		
	Mundiais	Brasil	%	Mundiais	Brasil	%
1970	282,2	2,7	0,96	53,5	2,0	3,74
1975	796,4	13,6	1,71	122,4	8,9	7,27
1980	1.845,7	20,1	1,09	232,5	9,4	4,04
1985	1.784,5	25,6	1,43	208,5	8,8	4,22
1990	3.336,0	31,4	0,94	326,6	8,6	2,63
1991	3.451,2	31,6	0,92	239,4	7,6	3,17
1992	3.658,0	36,1	0,99	354,8	8,7	2,45
1993	3.764,2	38,7	1,03	335,8	9,5	2,83
1994	4.283,1	43,5	1,02	389,2	12,5	3,26
1995	5.011,5	46,5	0,93	443,6	13,3	3,23
1996	5.150,0	47,7	0,85	465,8	14,3	3,07
1997	5.325,0	53,0	1,00	458,0	16,0	3,49
1998	5.434,0	51,1	0,94	437,7	15,2	3,47
1999	5.549,5	48,0	0,86	416,8	13,8	3,31
2000	6.253,3	55,1	0,88	414,0	12,8	3,08
2001	6.064,0	58,2	0,96	-	-	-
2002	6.147,9*	7,6**	-	-	-	-

FONTE: http://www.agricultura.gov.br/spa/pagespa/ch08/8_7.xls

* Estimativa do FMI (Dezembro/2001).

** Janeiro a Fevereiro

Pesquisa realizada em 20 de outubro de 02

Quanto às exportações, a maior participação do Brasil, foi em 1975, participação incrementada pela política comercial mais liberal implementada no período, na proporção de 1,71%. Em 1985 já havia caído para 1,43% em 1990, para 0,94% e em

2000 girava ao redor de 0,88%. Após a entrada em vigor dos acordos da Rodada Uruguai, o índice de participação brasileira no mercado internacional passou a apresentar nova tendência de queda³⁷.

A participação maior do Brasil no mercado internacional, em termos de exportações, ocorreu em 1975, quando o índice chegou a 1,71% puxado pelas exportações agrícolas. Em 1985 caiu para 1,43% e em 1990 para 0,94%³⁸. Depois de apresentar sinais de recuperação em 1992, após a Rodada Uruguai em 1994, o índice começou novamente a apresentar tendência de queda. Nas exportações agrícolas, o peso do Brasil é maior, embora com tendência de queda a partir de 1975. A diferença é que com a Rodada Uruguai, ao contrário das exportações totais, as exportações agrícolas brasileiras passaram a apresentar uma tendência de crescimento ou no mínimo de estabilização³⁹.

Em 1990, após Planos de estabilização inflacionária com as mais distintas orientações comerciais, o volume de importações agrícolas brasileiras, em relação ao volume mundial continuava praticamente inalterado, em torno de 0,58%. As importações totais, que agregavam todos os setores da economia já davam mostra desta abertura, haviam passado de 0,74% das importações

³⁶ Vide anexo 1.

³⁷ FONSECA, R. G.; BUAINAIN, A. M. O acordo agrícola da rodada Uruguai: perspectivas para a América Latina. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 33, Curitiba, **Anais...** Brasília: SOBER, 1995.

³⁸ Dados da Tabela 10.

³⁹ JANK, M. S.; VIÉGAS, I. F. A OMC e o Agronegócio: O desafio da Rodada do Milênio. Op. Cit p 7.

mundiais para 1,29, tendo portanto num período de 5 anos quase dobrado de tamanho⁴⁰.

No entanto, nas exportações agrícolas a participação do Brasil é proporcionalmente maior, chegando a 3,23%, em 1995, das exportações agrícolas mundiais e 3,08 e, 2000. Quanto às exportações agrícolas, em 1975, elas atingiram seu ápice após o início do processo de industrialização em termos de participação percentual nas exportações totais brasileiras, chegando a 7,27%. Isso se deveu, aos altos preços no mercado internacional dos produtos ligados ao padrão americano de produção, sendo a soja o seu maior exemplo no Brasil.

A partir de 1975, a participação da agricultura na pauta de exportações passa a apresentar tendência de queda, na mesma proporção em que a indústria cresce e se estrutura no país. No entanto, em termos de balança comercial, o saldo agrícola é extremamente positivo em relação ao industrial. De um saldo de 113,5 bilhões entre 1970 e 1996, a agricultura foi responsável por US\$ 100,9 bilhões. A título de ilustração da importância das exportações agrícolas podem ser destacados os anos de 1975, 1987 e 1992, onde o setor foi responsável por 99,8%, 63,9% e 79,6%, respectivamente, do saldo positivo da balança comercial⁴¹.

⁴⁰ SANTO, Benedito R. do E. & SEVERO, José R. Abertura externa e o saldo da balança comercial agrícola. OP. Cit. P. 12.

⁴¹ _____, Op. Cit. P. 13.

Em função das exportações agrícolas, em 1975, o Brasil foi responsável por 1,71% do volume total de comércio internacional. O setor respondeu muito bem à política comercial implementada no período, que de certa forma incentivou às exportações, além de ter um grande estímulo nos preços do mercado internacional.

Em suma, houve uma mudança na estrutura das exportações brasileiras a partir da década de 70, com as exportações agrícolas diminuindo sua participação porcentual no total das exportações. Essa diminuição não significa que este setor tenha perdido competitividade ou produção, o que ocorreu, foi um aumento muito grande no grande nas exportações de produtos industrializados.

A partir de 1980, a economia brasileira entra em período descendente. Dívida externa, inflação, déficit na balança de pagamentos foram alguns ingredientes do período. No contexto internacional as coisas não foram muito diferentes, os preços dos produtos agrícolas se mantiveram em baixa por toda a década, em conseqüência do excesso de oferta no mercado internacional, excesso de oferta esse caracterizado pela busca de equilíbrio nas balanças de pagamentos após a crise do petróleo⁴².

⁴² Maiores informações sobre esse período ver TUBIANA, L. O comércio mundial de produtos agrícolas: da regulação global ao fracionamento dos mercados. IN: Revista Ensaio, n. 6 vol 2. p. 103- 126. Porto Alegre/ Brasil. 1985; SANTO, Benedito R. do E.& SEVERO, José R. Abertura externa e o saldo da balança comercial agrícola. **Revista Preços Agrícolas**, 129. Brasília. P. 10-23, julho/1997. REZENDE, Gervásio Castro. Política econômica e agricultura na década de 80. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 27. Piracicaba, 1989, Anais... Piracicaba, SOBER, 1989, pp.285-300.

Nesse período, numa tentativa de reequilibrar a balança de pagamentos, as importações foram ainda mais contidas e as exportações por outro lado incentivadas, embora a presença de medidas, herdadas ainda do período de substituição de importações, onde tanto importações quanto exportações eram restringidas para dar sustentação ao processo de industrialização, inibiam uma maior inserção das exportações nacionais⁴³. A própria contenção das importações gerava retaliações por parte dos parceiros comerciais o que também afetava o volume de exportações.

Durante a década de 80, a agricultura foi o único setor responsável por saldos positivos nas exportações⁴⁴. O setor manteve um patamar em torno dos 4% das exportações mundiais, tendo diminuído esse percentual apenas no final da década. Contribuiu com valores em torno dos 50% das exportações brasileiras em todo o período, sendo que a maior participação foi em 1987, com 63,9% (Tabela 3). O fato de as exportações agrícolas brasileiras não terem aumentado durante o período,

⁴³ REZENDE, Gervásio Castro. Agricultura e ajuste externo no Brasil: novas considerações. IN: **Revista de Economia Política**, v. 12, n. ° , dez de 1989. p. 63.

⁴⁴ Ver HOMEM DE MELO, F. 1993 O crescimento agrícola brasileiro dos anos 80 e as perspectivas para os anos 90. Revista de Economia Política, São Paulo, 10(3): 22-30, jul-set/1990; SANTO, Benedito R. do E.& SEVERO, José R. Abertura externa e o saldo da balança comercial agrícola. **Revista Preços Agrícolas**, 129. Brasília. P. 10-23, julho/1997.

mesmo com o incentivo da política comercial, deve-se em grande parte à crise do comércio internacional vivida no período⁴⁵.

Até 1989 era a tônica no Brasil, um modelo comum à praticamente toda a América Latina, ou seja a Substituição de Importações, e que implicava num controle muito rígido das importações.

6.2 A ABERTURA COMERCIAL E A AGRICULTURA

A rápida abertura comercial que ocorreu a partir do final da década de 80, representada pela diminuição do volume de tarifas de 55% em 1987 para 14% em 1995, o processo de intensa desregulamentação do Estado, que diminuiu seu poder de intervenção, e ainda, a entrada do país no Mercosul formam um novo contexto de inserção da agricultura⁴⁶.

De início, havia o receio de que essa abertura que exporia o setor a concorrentes que recebem subsídios em seus países de origem, e portanto muito mais competitivos, iria causar problemas à agricultura nacional. Isso no entanto não aconteceu, tendo-se em vista saldos da balança comercial

⁴⁵ SANTO, Benedito R. do E. & SEVERO, José R. Abertura externa e o saldo da balança comercial agrícola. **Revista Preços Agrícolas**, 129. Brasília. P. 10-23, julho/1997.

⁴⁶ FERREIRA FILHO, José A. **Comércio Exterior e Crescimento Econômico**. Dissertação de Mestrado, defendida na Universidade Federal de Pernambuco (PIMES/UFPE), Outubro de 1993.

agrícola cada vez maiores. Na realidade os maiores problemas enfrentados pelo setor não tiveram sua origem nas relações com o setor externo e sim em relação à política econômica brasileira.

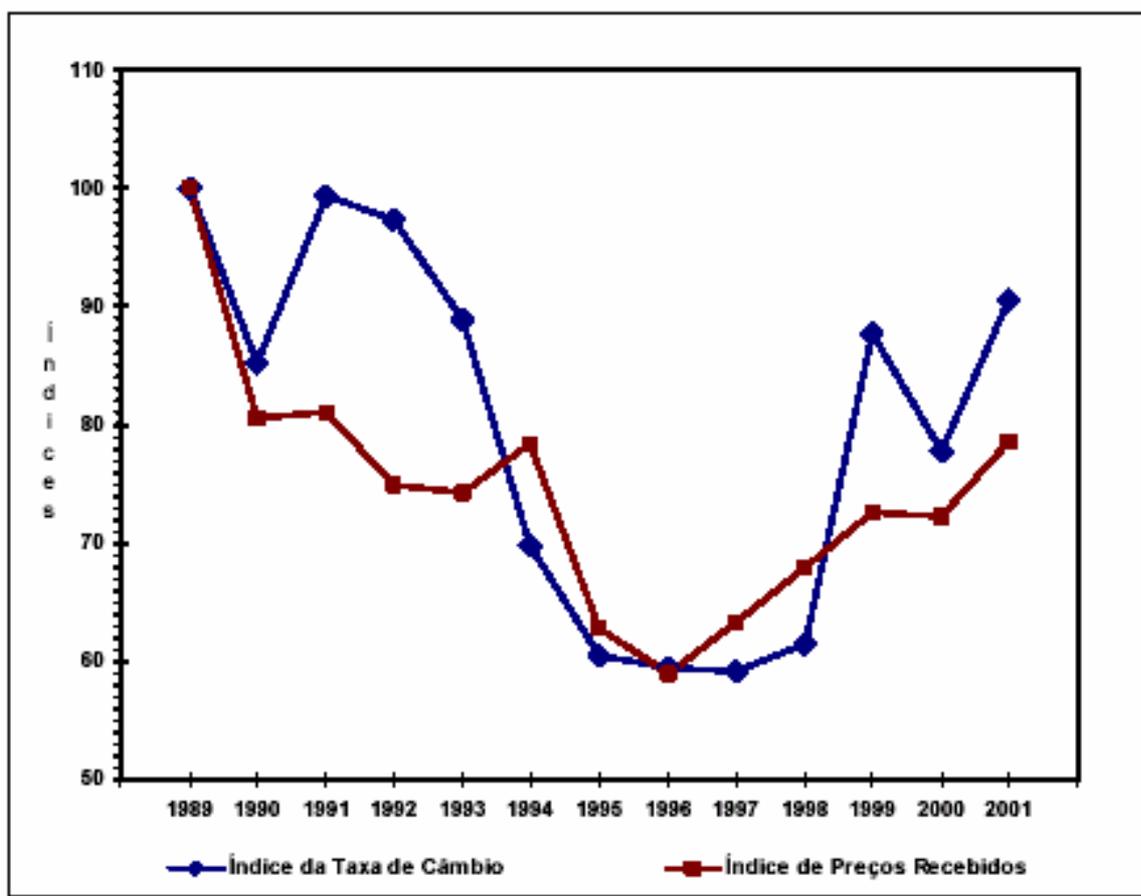
A realidade de preços menores na economia brasileira em boa parte da década de 90 foi causada pela tendência de valorização da taxa de câmbio real a partir de 1993 e, mais claramente, com a introdução do Plano Real em 1994. De fato pode se perceber que o "pior da sobrevalorização cambial deu-se entre os anos de 1993 e 1998. Em janeiro de 1999, deu-se a abrupta desvalorização da moeda e que seguiu em 2001 e 2002⁴⁷.

Esse evento de menores preços reais não pode ser separado das tentativas de se controlar o processo inflacionário na economia brasileira dos anos 90. Nesse contexto, os anos de 1994 e 1995 marcaram o início da "âncora" cambial do Plano Real o mais bem sucedido plano de controle da inflação do país. Esse período de vários anos de valorização da taxa de câmbio real (ver gráfico abaixo), com o deliberado objetivo macroeconômico de contribuir como instrumento de controle dos preços internos, causou os atuais problemas da economia brasileira, isto é, os expressivos crescimentos das dívidas

⁴⁷ Segundo HOMEM DE MELLO, Fernando. **A abertura Comercial e o papel dos Aumentos da produtividade na Agricultura brasileira.** <http://www.ifb.com.br/documentos/hdemelo.pdf> Acesso em 11/2002.

eterna e interna, conseqüência da adoção de uma política de elevados juros reais⁴⁸.

FIGURA 5 - ÍNDICES DE TAXA DE CÂMBIO E ÍNDICE DE PREÇOS RECEBIDOS - 1989/2001.



FONTE: HOMEM DE MELO, Fernando, 2002⁴⁹.

⁴⁸ Conforme HOMEM DE MELO, Fernando. Liberalização Comercial e Agricultura Familiar no Brasil. IN:REBRIP/ActionAid/**Comércio Internacional, Segurança Alimentar e Agricultura Familiar**. Rio de Janeiro, 07-44, Setembro de 2001.

⁴⁹ Segundo o autor, os dois índices da Figura 4 - Preços recebidos pelos produtores e taxa de câmbio - foram deflacionados pelo IGP-DI. O Índice de preços recebidos inclui os seguintes produtos, base Instituto de Economia Agrícola, São Paulo e elaboração do autor: feijão, milho, soja algodão, batata, arroz, café, laranja, bovinos, suínos e frangos. Para se chegar ao índice de preços total utilizamos ponderações do valor da produção brasileira e, não, paulista.

Ainda conforme demonstra a figura, os preços agrícolas estiveram em baixa. Essa tendência teria sido causada pela tendência de valorização da moeda brasileira em relação ao dólar a partir de 1993 e, mais claramente, com a introdução do Plano Real em 1994. O ponto de maior valorização da moeda e conseqüente de menores preços agrícolas ocorreu entre 1993 e 1998⁵⁰. As principais variáveis que atuaram desfavoravelmente foram: a) política monetária de elevados juros reais; b) sobrevalorização da taxa de câmbio real, como mostrado na Figura 4; c) reduções, em vários casos, excessivas⁵¹, das tarifas de importação de produtos agrícolas; d) ampliação do diferencial de taxas de juros (interna e externa), causando maior incentivo à realização de arbitragem financeira nas importações (inclusive pelos menores juros nas exportações pelos países desenvolvidos), e e) crescimento econômico interno relativamente pequeno (a taxa de crescimento do PIB anual médio foi de apenas 1,72% entre 1989 e 1999), fator limitante do crescimento da demanda interna de alimentos⁵².

⁵⁰ A partir de janeiro de 1999 passam a ocorrer desvalorizações cambiais, e os preços dos produtos agrícolas, em sua maioria cotados em dólar passam a apresentar uma tendência ascendente.

⁵¹ Segundo HOMEM DE MELLO, Fernando. **A abertura Comercial e o papel dos Aumentos da produtividade na Agricultura brasileira.** Professor titular do Departamento de Economia da FEA-USP e Pesquisador da FIP. Texto Retirado da internet em 15/11/2002- www.ifb.com.br/documentos/hdemelo.pdf e são considerados "excessivas" nos casos de produtos que contaram e, ainda, contam, com diversos mecanismos de subsídios pelos países industrializados e que acabam deprimindo as cotações internacionais.

⁵² Conforme HOMEM DE MELLO, Fernando. **A abertura Comercial e o papel dos Aumentos da produtividade na Agricultura brasileira.** Professor titular do Departamento de Economia da FEA-USP e Pesquisador da FIP. Texto Retirado da internet em 15/11/2002- www.ifb.com.br/documentos/hdemelo.pdf p. 6 e 7.

De outro lado, um outro conjunto de variáveis teve um comportamento favorável nos anos noventa, as principais sendo (Homem de Melo, 1999): a) melhoria, até 1997, das cotações internacionais de produtos agropecuários; b) reduções dos preços reais de insumos agrícolas, principalmente nos casos de fertilizantes, defensivos, medicamentos e máquinas, beneficiados que foram por menores tarifas de importação (a abertura comercial); c) a continuação do processo de geração de inovações tecnológicas pelos setores público e privado, destacando-se o papel da EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária -, e d) modificações de política econômica, com destaques para a isenção do ICMS nas exportações agropecuárias a partir de 1997 (Lei Kandir), a criação do PRONAF - Programa Nacional de Apoio à Agricultura Familiar - em 1995, assim como a introdução de novos instrumentos de comercialização na política agrícola. As mudanças nas tarifas de importação de insumos, um dos pontos positivos da abertura comercial, e as inovações tecnológicas, tenderiam a provocar aumentos na produtividade dos fatores de produção, fato positivo em uma difícil conjuntura macroeconômica⁵³.

⁵³ Segundo HOMEM DE MELLO, Fernando. **A abertura Comercial e o papel dos Aumentos da produtividade na Agricultura brasileira.** Professor titular do Departamento de Economia da FEA-USP e Pesquisador da FIP. Texto Retirado da internet em 15/11/2002 - www.ifb.com.br/documentos/hdemelo.pdf.

Com a entrada em vigor de decisões da Rodada Uruguai do GATT⁵⁴, a partir de 1994, passa a ocorrer uma tendência ainda maior de queda do volume de exportações totais, mas o mesmo não aconteceu com as exportações agrícolas que aumentaram sua participação no total das exportações de 23,7% em 1991 para 30,4% em 1996, embora no final da década estas tenham voltado a 23,1%, ou seja aos mesmos níveis de 1991 (tabela 2).

Os dados acima demonstram que as políticas agrícolas que subsidiam as agriculturas dos países desenvolvidos, embora fatores importantes na perda de competitividade brasileira, não são a única e talvez nem mesmo a principal causa da perda de participação do Brasil no comércio internacional, sendo que as causas reais devem ser detectadas e trabalhadas a fim de aumentar a inserção do país.

A política comercial passa a ocupar, nesse contexto um papel chave, que no entanto é relegado a segundo plano pelos *policy makers* brasileiros, isto tanto para produtos agrícolas quanto comerciais. Na verdade as críticas aos subsídios internacionais escondem a verdade da falta de planejamento das instituições brasileiras quanto ao papel do país em termos de comércio supranacional.

⁵⁴ ANANIA, G. O acordo GATT sobre a agricultura e os países desenvolvidos: o que mudou. In: Questões agroalimentares e Experiências de integração regional e sub-regional depois da Rodada Uruguai do GATT. União Européia, Mercosul e Nafta: Confronto de Experiências. **Anais...** Rio de Janeiro, 1995. p. 16. Embora este seja muito mais um acordo entre a União Européia e os Estados Unidos, justificando em grande parte suas políticas protecionistas, do que um acordo de liberalização internacional do comércio.

No tocante à participação brasileira no comércio internacional, esta sempre foi considerada pequena, o que vem a confirmar as afirmações de que no Brasil, apesar de uma insistente busca de superávits comerciais, nunca houve uma política de expansão do comércio exterior enquanto estratégia de desenvolvimento econômico. Enquanto o comércio mundial, no período de 1970 a 1996, cresceu mais de 50 vezes, o comércio brasileiro cresceu apenas 20 vezes, sendo que a participação relativa do Brasil permaneceu em torno de 1%⁵⁵. Somente a partir de 1994, é que as importações agrícolas brasileiras ultrapassaram a esse valor, provavelmente influenciado pelas novas regras da OMC (Tabela 2).

A política comercial brasileira, implementada até o final da década de 80, que buscava *superávits* de exportações em momentos de crise para depois se fechar aos fluxos comerciais em nome da proteção à indústria que se estruturava no país, gerou efeitos muito mais negativos que a própria abertura comercial que expôs o setor a concorrentes nem sempre tão leais⁵⁶. Isto fica demonstrado na análise da balança comercial agrícola que cresceu imensamente no período onde a regulamentação do Estado sobre o setor diminuiu. Inclusive os momentos negativos vividos pelo setor após a abertura,

⁵⁵ SANTO, Benedito R. do E.& SEVERO, José R. Abertura externa e o saldo da balança comercial agrícola. **Revista Preços Agrícolas**, 129. Brasília. P. 10-23, julho/1997.

⁵⁶ Mesmo depois da entrada em vigor das medidas da Rodada Uruguai, são comuns as práticas protecionistas como subsídios ou mesmo *dumping*, no comércio internacional de produtos agrícolas.

ocorreram em função de o próprio governo não ter ajustado as medidas para o setor⁵⁷.

Em meados de 1995, parecia que o setor agrícola se encontrava entre os perdedores do Plano real. Apesar de a safra desse ano ter sido 4,4% maior do que a do ano anterior, calcula-se que a renda do setor foi 26,5% menor em junho de 1995 do que a de 1994, fato devido, em grande parte, ao declínio de muitos preços agrícolas. Naquele ano, por exemplo, os preços obtidos pelos produtores de alguns alimentos foram menores que em 1994 - café, castanhas de caju, soja, frango, ovos -enquanto outros tiveram aumentos inferiores à média geral, como ocorreu com o algodão, o arroz, a batata e o açúcar. Isso ocorreu principalmente devido ao fato de o governo não ter elevado os preços mínimos à mesma taxa que o aumento geral de preços e a liberalização do comércio, que fez com que o Brasil fosse inundado com quase 10 milhões de toneladas de alimentos importados⁵⁸. Ao mesmo tempo, o crédito agrícola continuou a ser indexado e, com as taxas de juros em rápida ascensão, houve um aumento extraordinário na taxa de inadimplência tanto dos produtores agrícolas quanto de seus fornecedores. As vendas de tratores, por exemplo, caíram 70% entre a primeira metade de 1994 e o mesmo período em 1995⁵⁹.

⁵⁷ COLSERA, L. ; HENZ, R. A agricultura e a continuidade do Processo de Liberalização. **Revista de Economia Agrícola**. Vol 7 , nº 4. Out/dez 1998. p. 29-46.

⁵⁸ BAER, Werner. **A economia Brasileira**. Op. Cit. P.388.

⁵⁹ _____, Op. Cit. P. 389.

6.3 A INSERÇÃO DA AGRICULTURA BRASILEIRA NA ATUALIDADE.

No Anexo 1, que trata das exportações agrícolas brasileiras por categoria podemos encontrar mais números sobre a inserção brasileira a partir de 1990. O total dos produtos básicos exportados duplicou no período avaliado. Saltou de US\$ 5.456.625 em 1990 p/ US\$ 10.128.793 em 2001. A soja e as carnes de aves e bovinos são os produtos que mais se destacam, ressaltando o crescimento do agronegócio brasileiro, crescimento esse que chega a 85% no período.

Com relação aos produtos agrícolas semimanufaturados, estes apresentaram um crescimento ainda mais importante, partindo de um total de US\$ 846.382 milhões em 1990 para US\$ 3.402.906 em 2001, ou seja em torno de 300% de aumento. É um número interessante, que demonstra a modernização da agricultura em termos de industrialização. Esse fato demonstra mais uma vez a alta capacidade do setor agrícola brasileiro se adaptar as demandas internacionais⁶⁰.

Já os produtos agrícolas manufaturados eram responsáveis pro US\$ 2.242.079 em 1990 e em 2001 por US\$ 2.131.306, ou seja praticamente sem alteração no período, sendo que o item mais importante que é o suco de laranja concentrado caiu de

⁶⁰ Maiores informações sobre o desenvolvimento do agronegócio brasileiro em: BACHA, José Caetano & ROCHA, Marcelo Theoto. Aumenta a participação da agropecuária no PIB Brasileiro. **Revista Preços Agrícolas. Fev. 1997. p.3-5.**

1.468.417 em 1990 para 812.554 em 2002 ou seja uma diminuição de 44% no volume exportado, uma perda considerável⁶¹.

Pode-se abstrair dos dados do anexo 1 que as exportações agrícolas brasileiras que se encontram crescendo são as relativas a produtos básicos ou semimanufaturados, ou seja exportamos mais facilmente produtos com menor valor agregado, o que não deixa de ser preocupante, pois esta já era a principal constatação relativa a agricultura brasileira no final dos anos 50⁶².

Apesar de todo o esforço histórico da economia brasileira, e mesmo da agricultura, em busca da industrialização⁶³, ainda temos muitas dificuldades claras de inserção internacional quando se trata de produtos que exijam tecnologia avançada.

Os preços internacionais de produtos agrícolas na década de 90, ao contrário do que ocorreu na década anterior, apresentam uma grande elevação. Em 1995 atingiam valores muito parecidos com os do início da década de 80. No entanto a agricultura brasileira somente passou a receber os efeitos dessa alta a partir de 1997 como conseqüência das supersafras

⁶¹ Ainda conforme dados do anexo 1.

⁶² Sobre esta questão ver: BAER, Werner. **A economia Brasileira**. São Paulo, Nobel. 1996, p. 198. TAVAREZ, M. C. **Da substituição de importações ao capitalismo financeiro**. Zahar, Rio de Janeiro, 1975. BRESSER PEREIRA, Luiz C. **Desenvolvimento e crise no Brasil**. 9ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1980. 240 p.

⁶³ CASTRO, A. B. & SOUZA, F. E. **A economia brasileira em marcha forçada**. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

colhidas em 1995 e 1996⁶⁴ e após as desvalorizações cambiais que ocorrem a partir de 1999.

Analisando-se a Tabela 11 abaixo, compilada a partir dos anexos 4 e 5, o que se percebe é um crescimento no saldo comercial de US\$ 19.536 bilhões para US\$ 27.189 bilhões, ou seja um aumento de 40% entre 1991 e 2000. Houve também no período avaliado, um grande aumento das importações agrícolas, de cerca 180%, embora em termos de participação percentual nas importações totais do país, continuasse ao redor de 12%, valor já tradicional da participação da agricultura no total das importações, tendo portanto as importações totais aumentado também no período.

Avaliando-se a questão das importações em termos relativos, pode-se perceber o crescimento de importância das mesmas. Enquanto entre 1990, o valor das importações agrícolas correspondia a 7% das exportações, em 1996 já eram responsáveis por 14% desse valor, ou seja, houve um crescimento muito elevado do volume importado, que se explica pela paridade do real em relação ao dólar, o que deu ao real um alto poder de compra, pelas medidas de abertura econômica e também em parte pelo próprio crescimento do volume exportado⁶⁵,

⁶⁴ AGROANALYSIS - **Revista de Agronegócios da Fundação Getúlio Vargas**. Casa de Ferreiro, v. 21, n. 4, p 49, abr. 2001.

⁶⁵ SANTO, Benedito R. do E. & SEVERO, José R. Abertura externa e o saldo da balança comercial agrícola. **Revista Preços Agrícolas**, 129. Brasília. P. 10-23, julho/1997.

uma vez que parte das importações se relacionam a produtos utilizados como insumos.

TABELA 11 -BALANÇA COMERCIAL AGRÍCOLA BRASILEIRA POR CATEGORIA DE PRODUTOS (VALORES EM US\$ MILHÕES FOB).

Anos	Básicos		Saldo
	Importação	Exportação	
1991	1.062	10.615	9.553
1992	906	10.827	9.921
1993	1.360	11.820	10.460
1994	1.739	14.578	12.839
1995	2.118	15.664	13.546
1996	3.440	15.793	12.353
1997	3.216	17.543	14.327
1998	3.181	16.087	12.906
1999	2.244	15.312	13.068
2000	2.317	15.276	12.959
Semi-manufaturados			
1991	366	6.901	6.535
1992	322	7.461	7.139
1993	366	8.016	7.650
1994	442	10.776	10.334
1995	526	10.985	10.459
1996	536	11.836	11.300
1997	468	13.641	13.173
1998	474	12.400	11.926
1999	353	11.538	11.185
2000	376	10.830	10.454
Manufaturados			
1991	266	3.714	3.448
1992	130	3.366	3.236
1993	226	3.804	3.578
1994	364	3.802	3.438
1995	823	4.680	3.857
1996	691	3.958	3.267
1997	649	3.902	3.253
1998	733	3.687	2.954
1999	684	3.775	3.091
2000	670	4.446	3.776
Total			
1991	1.694	21.230	19.536
1992	1.358	21.654	20.296
1993	1.952	23.640	21.688
1994	2.545	29.156	26.611
1995	3.467	31.329	27.862
1996	4.667	31.587	26.920
1997	4.333	35.086	30.753
1998	4.388	32.174	27.786
1999	3.281	30.625	27.344
2000	3.363	30.552	27.189

FONTE: SECEX http://www.agricultura.gov.br/spa/pagespa/ch08/8_7.xls, e SANTO & SEVERO, 1997.

* Valores até setembro de 2002, n/d – valores não disponíveis.

Quanto às exportações, o total passou de US\$ 21.230 milhões em 1990 para US\$ 35,08 bilhões, em 1997. O saldo foi aumentado em US\$ 2,6 bilhões e a participação relativa da agricultura, no total das exportações, também se manteve nos mesmos patamares em torno de 32,6%. Em 2000 este valor já havia retornado para 10% do volume das exportações, em parte dado o aumento das exportações, motivados por sua vez pela desvalorização cambial que estimula as exportações e reduz importações⁶⁶.

Quanto às exportações, o total passou de US\$ 21.230 milhões em 1991 para US\$ 35.086 milhões em 1997 quando atingiu seu máximo para a década tendo retornado ao valores de US\$ 30.552 milhões em 2000. O saldo da balança comercial agrícola para a década subiu de US\$ 19.536 milhões para US\$ 27.189 em 2000, um resultado importante, uma vez que a balança comercial como um todo apresentou déficits em boa parte do período.

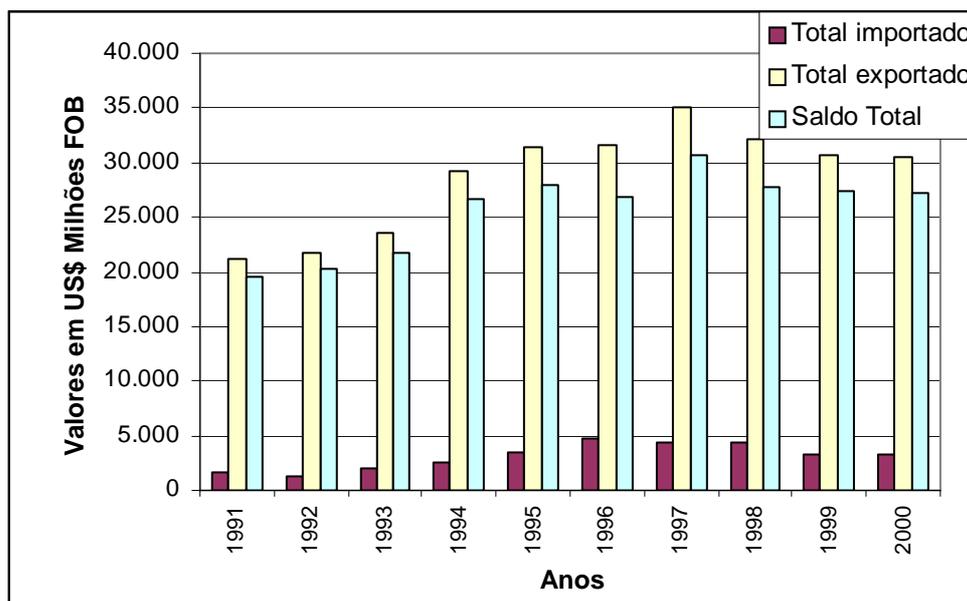
A primeira conclusão importante que se depreende da tabela 11⁶⁷ é de que passa a ocorrer uma tendência ao aumento nas importações de produtos com maior valor agregado⁶⁸.

⁶⁶ AGROANALYSIS - **Revista de Agronegócios da Fundação Getúlio Vargas**. Casa de Ferreiro, v. 21, n. 4, p 49, abr. 2001.

⁶⁷ Nos anexos 1 e 2 estão discriminados os produtos que deram origem à tabela 4.

⁶⁸ Isto se explicaria segundo COELHO, C. N. As exportações Agrícolas numa estratégia de comércio exterior. **Revista de Política Agrícola**, Brasília, a. 6, n. 03, p. 6-27, jul. 1997. (1997), pelo fato de a agroindústria ter aumentado a demanda de matérias primas no exterior. Também explicam parte desse aumento, alguns produtos que não conseguiram suprir demanda interna que cresceu, principalmente, devido a estabilidade econômica do país.

FIGURA 6 - SALDO DA BALANÇA COMERCIAL AGRÍCOLA (EM MIL US\$ FOB)- 1991/2000.



Fonte: Dados compilados a partir da Tabela 11.

Analisando mais detidamente cada categoria de produtos agrícolas exportados e mais especificamente as exportações de produtos básicos, constata-se que estes representam em 1996, 62% do valor exportado. Entre 1990 e 2000, ocorreu um crescimento de 45% nas exportações destes produtos, o que equivale a US\$ 1,2 bilhões⁶⁹. Cerca de 82% do valor das exportações de produtos básicos em 1990, e 82% em 1996 e a mesma porcentagem em 2000, são compostas por cinco produtos (Anexo 5): soja em grão e farelo, café, fumo e carne de aves.

⁶⁹ Conforme demonstra a figura 6 com relação ao saldo da balança comercial agrícola, na década de 90, as importações, em alguns períodos, cresceram mais rapidamente que as exportações, no entanto, como as exportações sempre foram muito maiores que as importações, a continuar o ritmo de crescimento das duas variáveis, a agricultura vai continuar gerando superávits em termos absolutos por um longo período.

Em 1990, esses itens responderam por 52% do total das exportações agrícolas e em 1996 respondiam por 53%.

Somente em 1995, este grupo não apresentou tendência de crescimento. Isto se deveu basicamente ao incremento na renda da população brasileira, proporcionado pela estabilidade inflacionária provocada pelo Plano Real⁷⁰. Nesse ano, a quantidade exportada desses produtos diminuiu 9,4% e as importações agrícolas totais aumentaram 26%. Além disso o valor das exportações foi afetado pela diminuição dos preços das *commodities*.

Houve também um crescimento de 124% nas importações de produtos básicos e os principais produtos importados foram o trigo e o algodão. Estes dois produtos custaram ao país em 1990, US\$ 295 milhões e US\$ 156 milhões, e em 1996, responderam por US\$ 877 milhões e US\$ 858 milhões, respectivamente⁷¹. Este crescimento é explicado em parte pela estabilidade econômica do país através de um aumento da demanda interna maior que o crescimento da produção, e que por sua vez tem na supervalorização da moeda interna uma de suas causas mais importantes⁷².

Com relação às importações, também houve grandes saltos de crescimento em média de 20% ao ano (figura 4). O produto

⁷⁰ TAGLIALEGNA, G. H. F.; BRACALE, G., MANDAI, K., SOUZA, E. L. L. Papel da agricultura no Plano Real: estabilização da moeda e modernização do setor. **Revista de Política Agrícola**. Ano IX, jul/set. 2000. p. 40-46.

⁷¹ SANTO, Benedito R. do E.& SEVERO, José R. Abertura externa e o saldo da balança comercial agrícola. **Op. Cit p. 26**.

que mais se destaca nas importações é o malte, que representou em 1996, 39% do total do grupo, num valor de US\$ 286 milhões. Esse grande aumento se explica pela expansão no consumo de cerveja, e a "dificuldade de aumento da produção interna de cevada cervejeira, num mercado oligopsônico, reforçado pelas extraordinárias vantagens financeiras no financiamento externo para a importação"⁷³. O segundo produto na pauta de importações é o couro. No entanto a participação deste produto vem caindo progressivamente em parte pela modernização da pecuária de corte brasileira.

Um aumento dessa magnitude nas exportações desses produtos demonstra mais uma vez a transformação na base produtiva da agricultura brasileira. Os produtos agrícolas exportados passam agora por um setor industrial, cujas relações e forma de comércio já não são mais explicados apenas pelas vantagens comparativas iniciais de cada país, e sim, por parâmetros microeconômicos⁷⁴. As vantagens neste setor são "construídas" através de processos como a inovação tecnológica ou diferenciação. A explicação, portanto, para o comércio

⁷² COELHO, C. N. O "agribusiness" brasileiro e as macrotendências mundiais. **Revista de Política agrícola** - Ano IX- jan/mar 2000 . p. 29.

⁷³ SANTO, Benedito R. do E. & SEVERO, José R. Abertura externa e o saldo da balança comercial agrícola. Op. Cit. Pg. 15.

⁷⁴ LINDER, Staffan B. Ensaio sobre Comércio e Transformação. IN: SAVASINI, José A. A. ; MALAN, P. & BAER W. (Org.) **Economia Internacional**. São Paulo. Ed. Saraiva. 1979. P. 65-88.

destes é diferente da explicação para o comércio de produtos agrícolas básicos⁷⁵.

Os produtos agrícolas manufaturados não apresentaram um crescimento expressivo em seu saldo, com um crescimento médio anual de 0,96%. As exportações quase que dobraram no período, crescendo 91%, mas as importações por sua vez cresceram 423% (Anexo 2). Dessa forma foram acrescentados apenas US\$ 54 milhões ao saldo desse grupo. Os produtos que mais foram importados foram o álcool etílico e o leite em pó.

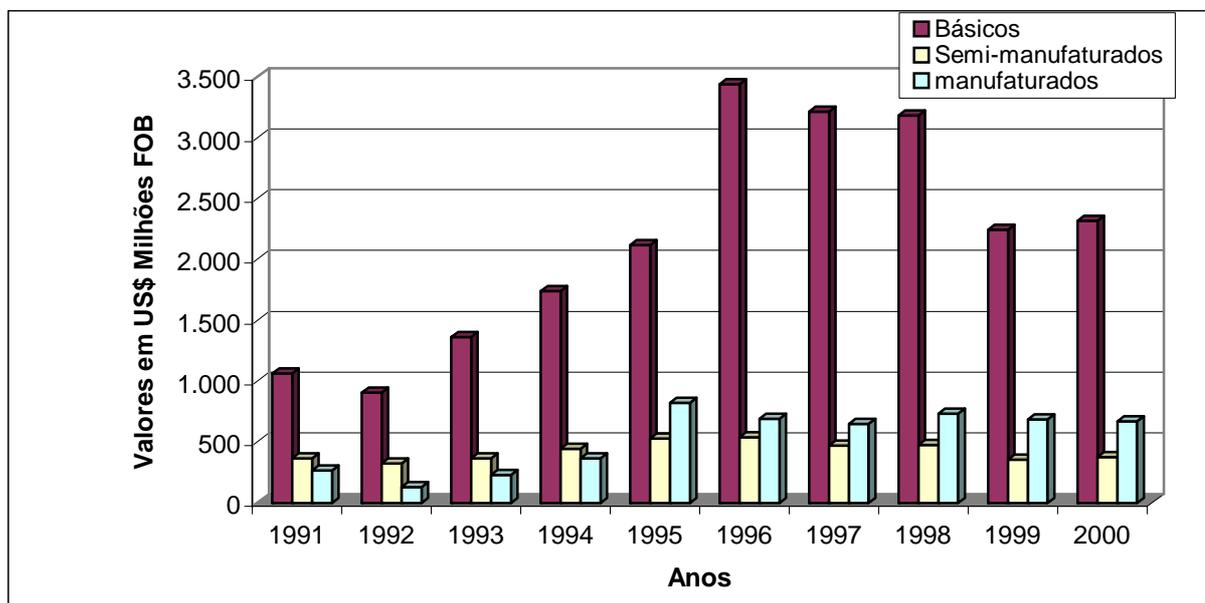
Nas figuras 7 e 8, podemos acompanhar com mais clareza a trajetória das importações e exportações agrícolas brasileiras.

Os maiores fornecedores de álcool etílico do país são a África do Sul, depois Estados Unidos e a Finlândia. É interessante a constatação de que o Brasil, principal formador dos preços desse produto no mercado internacional, importa o produto. A explicação está no fato de o preço internacional do açúcar estar reagindo no mercado internacional e os produtores têm dirigido sua produção para este mercado⁷⁶.

⁷⁵ PAULA, N. M. **Os limites da liberalização para a agricultura:** uma análise das perspectivas do mercado agrícola mundial. Curitiba. Tese submetida a concurso público para professor titular do Departamento de Economia, Setor de Ciências Sociais aplicadas da Universidade Federal do Paraná. 1996. 81 p.

⁷⁶ SANTO, Benedito R. do E. & SEVERO, José R. Abertura externa e o saldo da balança comercial agrícola. Op. Cit. Pg. 14.

FIGURA 7 - IMPORTAÇÕES AGRÍCOLAS BRASILEIRAS POR CATEGORIA



Fonte: Dados compilados a partir da tabela 5.

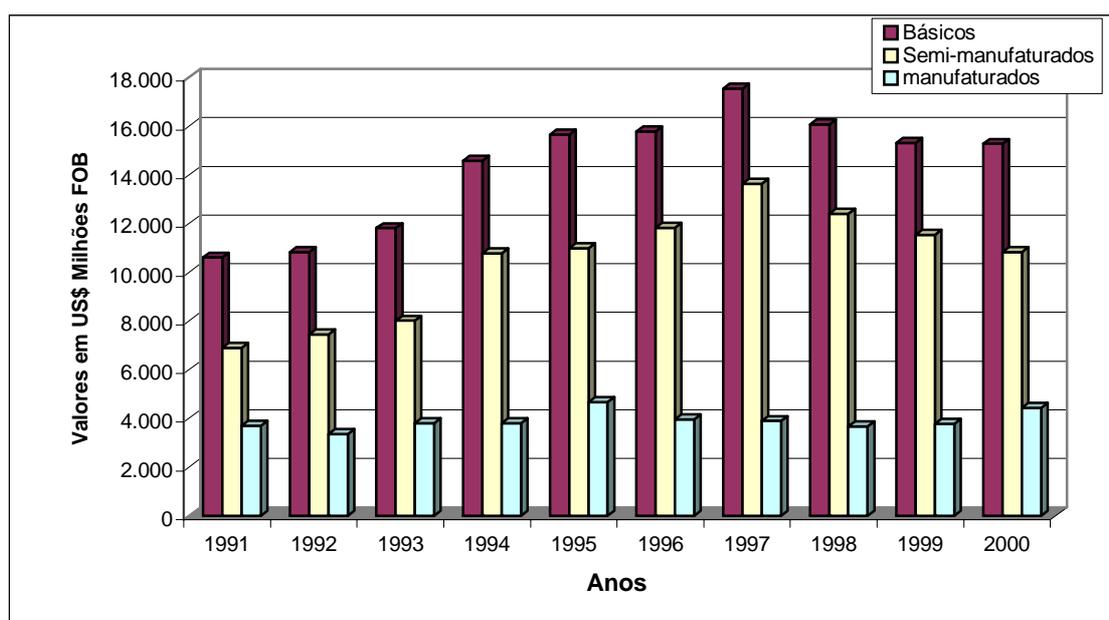
Com relação ao leite em pó, as importações desse produto representavam em 1990 2,7% do consumo nacional, já em 1996 passaram a representar 8,5%, ocorrendo oscilações no período avaliado. Esse volume deve diminuir nos próximos anos devido ao aumento na oferta interna, em consequência do rápido processo de modernização que vem ocorrendo no setor e também com a diminuição das vantagens financeiras com as importações provocadas pela maior vigilância em termos de defesa comercial⁷⁷.

Em resumo, houve durante a década de 90, um crescimento positivo no saldo da balança comercial agrícola brasileira, resultado principalmente da abertura comercial que ocorreu no

⁷⁷ _____, Op. Cit. Pg. 17.

período. No entanto, é importante destacar, que esta maior abertura da política comercial brasileira é fruto de um processo de liberalização que está ocorrendo em nível mundial, do qual a Rodada Uruguai é um exemplo⁷⁸. Se nas décadas de 70 e 80, a política comercial brasileira se fechava aos fluxos de comércio internacional, o mesmo acontecia com a maioria dos países, principalmente os desenvolvidos.

FIGURA 8 - EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS POR CATEGORIA.



Fonte: Dados compilados a partir da tabela 5

O que diferenciava basicamente as políticas comerciais era o grau de proteção aos setores internos, muito maior nos

⁷⁸ Embora convenha-se destacar o protecionismo que ainda se pratica principalmente nos países desenvolvidos.

países mais desenvolvidos, o que se tornava em mais um empecilho para a inserção da agricultura brasileira no mercado internacional⁷⁹.

Outra conclusão importante, a partir do fato de o país estar exportando cada vez mais produtos semimanufaturados, é a de que o aumento das exportações agrícolas brasileiras passa pela modernização do parque industrial brasileiro. Um aumento da competitividade do setor passa pelo aumento da competitividade do setor industrial do país⁸⁰. Esse aumento da competitividade passa, dado o contexto da institucionalização do comércio internacional, por um amadurecimento da política comercial brasileira, que deve agir de forma clara na busca de acordos comerciais que garantam maior inserção dos produtos brasileiros no mercado mundial, tanto os semi-manufaturados que já apresentam saldos positivos, quanto os manufaturados, que estão praticamente estagnados em termos de aumento no volume exportado.

⁷⁹ PONT-VIEIRA, M. del C. O sistema GATT e sua importância para o comércio internacional agrícola. Op. Cit p. 302.

⁸⁰ GASQUES, J. G. & CONCEIÇÃO, J. C. Transformações Estruturais da Agricultura e Produtividade Total dos fatores. IN: GASQUES, J. G. & CONCEIÇÃO, J. C. **Transformações da Agricultura e Políticas públicas**. IPEA, 17-94, 2001.

6.4 EXPORTAÇÕES AGRÍCOLAS BRASILEIRAS E OS BLOCOS DE COMÉRCIO.

A globalização é um fenômeno que exerce influência em muitas áreas, e talvez por isso mesmo, ainda existam dificuldades para sua explicação⁸¹. Em termos financeiros e econômicos, a globalização significaria um aumento do volume e velocidade de circulação dos recursos, além de uma interação maior destes com as economias.

De uma perspectiva comercial, o processo de globalização se traduz em uma semelhança crescente das estruturas de demanda, e na crescente homogeneidade da estrutura de oferta nos diversos países. Isso possibilita a apropriação de ganhos de escala, a uniformização de técnicas produtivas e administrativas e a redução do ciclo do produto, ao mesmo tempo em que muda o eixo focal da competição - de concorrência em termos de produtos para competição em tecnologia e processos⁸².

Esse processo apresenta alguns paradoxos, e no caso desta parte do trabalho, o mais importante seria o relacionado à

⁸¹ COUTINHO, Luciano. A fragilidade do Brasil em face da Globalização. IN: BAUMANN Renato (Org.). **O Brasil e a economia global**. Rio de Janeiro, Ed. Campus, 1996. P. 223.

⁸² BAUMANN, Renato. Uma visão econômica da globalização. IN: BAUMANN Renato (Org.). **O Brasil e a economia global**. Op. Cit. P. 34

regionalização. Enquanto a globalização seria um movimento "centrífugo"⁸³, de deslocamento de agentes econômicos através das fronteiras, o regionalismo estaria associado com a preservação de valores locais⁸⁴.

Na atualidade, o mundo se encontra dividido em blocos econômicos que são responsáveis por mais de 80% do comércio externo brasileiro. Na tabela 12, estão demonstradas as relações de comércio agrícola do Brasil com os mais importantes blocos econômicos do planeta. A primeira constatação importante é a de que a CEE e os países do Continente Asiático são os maiores parceiros comerciais brasileiros, em termos de produtos agrícolas.

6.4.1 A União Européia

Com relação a CEE, ocorreram dois movimentos diferentes durante a década. Entre 1990 e 1996, o crescimento das exportações foi de 36%, e as importações cresceram 113% no mesmo período⁸⁵. A partir desse período de crescimento positivo o sentido da balança comercial agrícola se inverte. De um

⁸³ Expressão do autor.

⁸⁴ Ainda segundo BAUMANN, Renato. Uma visão econômica da globalização. IN:BAUMANN Renato (Org.). **O Brasil e a economia global**. Op. Cit. P. 35; A globalização tem seu impulso primário no movimento de variáveis microeconômicas, e a partir das estratégias das empresas, enquanto a regionalização é largamente determinada por decisões políticas.

⁸⁵ Dados da tabela 12.

valor exportado de US\$ 6.383.594 mil em 1996, passamos em 2001 para US\$ 3.935.047 mil, ou seja uma redução de 50% no volume exportado. Existem vários argumentos para essa redução no volume exportado⁸⁶, o recrudescimento no protecionismo europeu⁸⁷, a falta de uma política comercial, por parte do Brasil, que buscasse mercado para os produtos brasileiros ou mesmo que reagisse a altura no combate ao protecionismo⁸⁸, e por última também é importante levar em consideração as questões cambias que ocorreram durante o plano real⁸⁹.

O déficit no saldo comercial com a Europa somente não se agravou pelo fato de as importações também terem seguido o mesmo movimento das exportações, ou seja, ascendente no período de 1990 a 1995, passando de US\$ 369.108 mil para US\$ 960.564 mil respectivamente e descendente a partir daquele ano, sendo que em 2001 o valor importado da União Européia foi

⁸⁶ Vários autores destacam a importância do aumento do poder de consumo do próprio mercado interno provocado pela estabilidade inflacionária. Essa seria um dos fortes componentes na elevação do consumo interno e a conseqüente redução do volume exportado. Desses autores podemos destacar: GASQUES, J. G. & CONCEIÇÃO, J. C. Transformações Estruturais da Agricultura e Produtividade Total dos fatores. IN: GASQUES, J. G. & CONCEIÇÃO, J. C. **Transformações da Agricultura e Políticas públicas**. IPEA, 17-94, 2001. HOMEM DE MELO, F. Efeitos negativos da política cambial sobre a produção agrícola. **Preços agrícolas**, Piracicaba, n. 131, p. 4-6, set. 1997. HOMEM DE MELLO, Fernando. **A abertura Comercial e o papel dos Aumentos da produtividade na Agricultura brasileira**. <http://www.ifb.com.br/documentos/hdemelo.pdf> Acesso em 11/2002.

⁸⁷ Fundação Centro de Estudos de comércio Exterior. - FUNCEX . Barreiras externas às exportações brasileiras. Rio de Janeiro. 1999. 239p.

⁸⁸ MORAES, Antonio. (Editorial) Por uma nova política de promoção das exportações. **Revista de política agrícola**. Ano II, nº4, Out/dez 1999. p. 3 - 5 .

⁸⁹ ROCHA, L. E. **Determinantes da taxa de câmbio real e seu efeito sobre os preços agrícolas**. Viçosa, 1995. 198p. Dissertação de Mestrado. Departamento de Economia. Universidade Federal de Viçosa.

de US\$ 293.397 mil, ou seja um valor ainda menor que no início da década.

Em 1990 o saldo era de US\$ 4.311.229 mil, sendo que em 1994, justamente no ano de encerramento da Rodada Uruguai do GATT, ocorreu o maior saldo da balança comercial agrícola brasileira em relação a União Européia, no valor de 5.803.563 mil. Já em 2001 o valor desse saldo diminuiu para 3.461.650 mil, ou seja ainda menor que no início da década⁹⁰.

A evolução das relações comerciais agrícolas entre Brasil e União Européia mostra que há ainda muito que caminhar por parte dos formuladores de política comercial brasileira, uma vez que ficou claro que os sinais de maior abertura com relação as medidas protecionistas que foram enviados a partir da finalização da Rodada não se concretizaram⁹¹.

A integração Econômica da Europa Ocidental e o sistema PAC tiveram fundamental influência em sucessivas Rodadas do GATT sobre o comércio⁹². Em 1992 as reformas possibilitaram a conclusão da Rodada Uruguai da agricultura e aprontaram a PAC para a sua implementação. Em decorrência, a União Européia pode conviver com o Acordo da Agricultura sem precisar proceder a mudanças significativas na sua política e isso

⁹⁰ Dados da tabela 12.

⁹¹ CHADDAD, F. R. , LAZZARINI, S. G. & NEVES, M. F. Protecionismo do Agribusiness nos Países Desenvolvidos: oportunidades e Ameaças para o Brasil. **Revista preços agrícolas**. Janeiro de 1999. p 46-47.

⁹² SILVA, V. da; REIS FILHO, J. C. G. dos. A União Européia e os condicionantes do comércio para os produtos agroalimentares brasileiros. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 30, n. 9, p. 38-50, set. 2000.

acabou por afetar o volume de exportações do Brasil para aquela região uma vez que a própria PAC e o avanço tecnológico tem possibilitado o aumento da produção e o completo auto-abastecimento do Bloco Europeu⁹³.

Com relação a produção da União Européia, existem projeções de excedente de produção para 2010 em valores acima de 54 milhões de toneladas, ou seja acima dos volumes a serem consumidos. Por outro lado, o consumo de alimentos está mais perto da saturação na União Européia: no caso de alguns produtos (como açúcar, lácteos e carne bovina), eles já apresentam uma tendência de queda, em vez de crescimento⁹⁴.

No passado, os excedentes cada vez maiores no mercados de produtos agrícolas da EU, originados pelas tendências divergentes de produção, podiam ser exportados. Atualmente dentro do Acordo Agrícola da OMC, as exportações subsidiadas não podem mais crescer e devem ser reduzidas. Assim ao mesmo tempo que a EU precisa subsidiar suas exportações agrícolas, ela terá que se empenhar cada vez mais no gerenciamento da oferta: onde já houve cotas (açúcar, leite) elas terão que ser reduzidas, não apenas uma vez, mas sucessivamente; e onde a

⁹³ Conforme MINER, W. e ZEEUW, A. **A agricultura brasileira e as futuras negociações na organização mundial de comércio.** Revista de política agrícola - Ano VII - Nº2 Abril/junho de 1998 p. 52.

⁹⁴ PINAZZA, Luiz A. A guerra dos subsídios agrícolas. **Revista Agroanalysis.** Setembro de 1997 p. 11-13.

oferta ainda não estiver limitada, será necessário encontrar um meio de frear seu crescimento⁹⁵.

Os produtos mais vendidos pelo Brasil para a União Européia são: farelo de soja, soja em grão, suco de laranja, café e couros que chegam a representar 76,6% do valor exportado. Ou seja, são produtos com reduzido grau de diferenciação onde ainda predominam as vantagens comparativas iniciais, mas que não se relacionam com os produtos que tem perspectivas negativas de crescimento do consumo.

Nos anos 90 a PAC foi submetida a duas reformas. A primeira em 1992 e a segunda em março de 1999, chamada Agenda 2000. Os progressos foram considerados acanhados pelos analistas orientados para o tipo de agropecuária a ser desenvolvido no continente europeu. A crítica consiste em que o enfoque das políticas continua sobre a qualidade da produção estimulando mais que tudo a pesquisa e o desenvolvimento de tecnologias dirigidos à produtividade⁹⁶. Para os países agroexportadores reste ver se a União Européia tomará o

⁹⁵ Conforme MINER, W. e ZEEUW, A. **A agricultura brasileira e as futuras negociações na organização mundial de comércio**. Revista de política agrícola - Ano VII - Nº2 Abril/junho de 1998 p. 53.

⁹⁶ Conforme a Revista Agroanalysis, de abril de 2001 p. 49: a argumentação corre no sentido que a PAC força o desenho desse tipo de agricultura. Em anos recentes, as discussões em torno da transgenia nas sementes vegetais e de hormônios de crescimento em animais, por exemplo, assinalaram uma preocupação qualitativa com relação ao ambiente a da produção agropecuária. O mesmo sucede com o impacto ambiental, diante da quebra da biodiversidade provocada pelas monoculturas. Os subsídios ficam cada vez mais concentrados num menor número de propriedades. O recrudescimento da vaca louca e da febre aftosa fortaleceu os críticos da agricultura industrial de elevada escala de produção e de menor custo.

caminho de abrir seus mercados ou usará o nome da biosseguridade para trancar suas fronteiras ainda mais.

6.4.2 Tigres Asiáticos, Japão e China.

Com relação ao Continente Asiático, até o início da década de 90, o comércio entre o Brasil e esses países não era significativo. A partir de eventos produzidos pela globalização, hábitos ocidentais estão sendo absorvidos, modificando costumes e aumentando a demanda por produtos agrícolas brasileiros⁹⁷. O café e o açúcar, carnes e cereais, por exemplo, têm um mercado muito promissor na região. As importações de carne bovina foram de US\$ 2,7 bilhões em 1990, e as de aves de US\$ 864 milhões, em 1996, já eram de US\$ 4,6 bilhões e 2,2 bilhões em 1996⁹⁸. Da mesma forma que os produtos

⁹⁷Segundo COELHO, Carlos Nayro. Os Caminhos do Agronegócio Brasileiro, disponível no site: www.mre.gov.br/cdbrasil/itamaraty/web/port/economia/agric/caminhos/apresent.htm, No contexto atual, o mercado asiático é o que oferece as melhores perspectivas, em termos de uma expansão em alta escala das exportações do *agribusiness* brasileiro, em função de três fatores importantes: a) a entrada da China na OMC; b) o Governo japonês aparentemente se convenceu de que a recuperação da economia japonesa depende de maior abertura para o comércio exterior; c) a rápida recuperação dos tigres asiáticos; d) os países da Ásia continuarão sendo os maiores importadores de alimentos do mundo; e) são países que detêm uma posição financeira externa invejável em termos de reservas, saldos em conta corrente etc.

⁹⁸ SANTO, Benedito R. do E. & SEVERO, José R. Abertura externa e o saldo da balança comercial agrícola. Op. Cit. Pg. 17.

exportados para a Europa, percebe-se que o padrão das exportações é marcado por um baixo grau de diferenciação.

Para os Tigres Asiáticos o Brasil exportou em 1990⁹⁹, um valor US\$ 121.162 mil, tendo atingido o pico em 1997 com um valor de US\$ 440.527 mil, e embora o Bloco tenha vivido séria crise financeira a partir de 1988, as exportações após pequena queda nesse período voltaram a aumentar e em 2001 somavam US\$ 488.435.

No tocante as importações brasileiras relativas a este bloco estas tem um comportamento muito instável tendo variado de US\$ 1.108 mil em 1993 para US\$ 35.263 mil em 1998, e se situando em 2001 no valor de US\$ 5.577 mil. Essa instabilidade denota a falta de planejamento das relações comerciais e pode prejudicar a exportações do país uma vez que, como demonstrado anteriormente neste trabalho, relações comerciais instáveis tendem a ser substituídas por acordos estáveis a fim de garantir os fluxos de comércio. A análise dos dados também demonstra a importância crescente dos Tigres Asiáticos enquanto parceiros comerciais para o Brasil, uma vez que estes também apresentam uma estrutura comercial menos protecionista que a União Européia.

O Japão é um importante mercado para as exportações brasileiras, sendo que estas representam um terço das

⁹⁹ Dados da Tabela 12.

importações de produtos agrícolas daquele país¹⁰⁰. O saldo da balança comercial entre 1990 e 1996 dobrou, sendo que os produtos que puxaram esse crescimento foram os complexos café, frango e fumo. As exportações cresceram mais de 100% no período avaliado, e embora as importações também tenham crescido, os valores são irrisórios. Em 2001 o volume exportado havia caído novamente para valores muito próximos aos do início da década anterior, com valores de US\$ 502.007 mil, demonstrando uma perda de mercado importante para o país. Já as importações permaneceram ao redor dos 3 milhões de dólares, tendo dobrado de tamanho em 1995, para em 2001 voltar aos valores do início da década.

Outro mercado importante para os produtos agrícolas brasileiros é o formado pela China e Hong Kong. O país tem apresentado um crescimento econômico impressionante, sendo que seu PIB cresceu em torno de 90% entre 1990 e 1996. Até 1996 o saldo da balança comercial agrícola era favorável ao Brasil, as exportações cresceram 265% neste período, sendo que o valor das mesmas, em 1990 era de US\$ 228 milhões, passando em 1996 para US\$ 895 milhões¹⁰¹. Com o evento da crise asiática, as importações daquela região também foram afetadas e o volume exportado pelo Brasil em 2001 foi de US\$ 273.930 mil uma perda

¹⁰⁰ SANTO, Benedito R. do E. & SEVERO, José R. Abertura externa e o saldo da balança comercial agrícola. Op. Cit. Pg. 19.

¹⁰¹ SANTO, Benedito R. do E. & SEVERO, José R. Abertura externa e o saldo da balança comercial agrícola. Op. Cit. Pg. 19.

considerável, principalmente em termos de conquista de mercados futuros.

Seguindo a mesma tendência do Japão, a China apresenta uma rápida ocidentalização dos hábitos de consumo e a demanda por açúcar, café, frutas e fumo tende a aumentar naquele país. Produtos cuja demanda já está consolidada, como o óleo e farelo de soja e carnes, teriam possibilidades de aumentar ainda mais suas exportações.

As importações brasileiras daquele país são muito pequenas e instáveis conforme os produtos importados seguindo o padrão relativo aos Tigres asiáticos (Anexo 15), embora tenham crescido em termos de valor de US\$ 14.016 mil em 1990, para 46.243 mil em 1996, em 2001 resultaram num valor de 11.580 mil.

Com a entrada da China na OMC, tendo este país, não se sabe ainda em que medidas, adotado uma postura de adequação às normas de comércio internacional, haverá com certeza um crescimento das relações de comércio entre aquele país e o Brasil, sendo que as potencialidades do mercado chinês chamam a atenção dos produtores brasileiros em qualquer área.

É importante destacar que as exportações agrícolas brasileiras para estes países, iniciadas a partir do final dos anos 80, já são em 2001 equivalentes a US\$ 1.264.372 mil,¹⁰² um valor 123% maior que o exportado para os Estados Unidos

¹⁰² Somando os valores exportados para a China, (incluindo Hong Kong), Japão e Tigres Asiáticos, no ano de 2001.

(US\$ 565.039 mil), com o qual o país já possui um relacionamento comercial histórico¹⁰³.

6.4.3 O Mercosul

O Brasil sempre foi um importador dos produtos agrícolas dos países que hoje compõe o Mercosul. As importações brasileiras destes países, tem em sua composição 44% de produtos agrícolas, enquanto que das exportações, a participação da agricultura gira em torno dos 12%¹⁰⁴.

As exportações brasileiras para esse bloco cresceram de 119 milhões, chegando a valores de US\$ 884 milhões num crescimento de 643% entre 1990 e 1996. O pico em termos de exportações se deu em 1998, com um valor total de US\$ 1.104.857 mil. Em 2001 as exportações para o Mercosul totalizaram 720.742 mil, apresentando portanto uma tendência de queda, fruto da crise vivida pelos países membros do Bloco¹⁰⁵.

¹⁰³ Maiores detalhes consultar os anexos 15,17,19.

¹⁰⁴ Conforme SANTO, Benedito R. do E.& SEVERO, José R. Abertura externa e o saldo da balança comercial agrícola. Op. Cit. Pg. 19. Os principais produtos importados são: trigo, algodão, arroz, soja e milho. As importações de trigo originárias do Mercosul atingiram em 1996, 80% do total de trigo importado, 46% do algodão, e 98% do arroz.

¹⁰⁵ CARVALHO, M. A. de. Comércio agropecuário brasileiro no MERCOSUL. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 29, n. 6, p. 7-22, jun.1999.

As importações cresceram 226%, atingindo um valor de US\$ 3,6 bilhões em 1996 e em 2001 também apresentaram um decréscimo, totalizando 2.354.088 em 2001. No entanto, devido ao *déficit* histórico, o saldo negativo da balança comercial agrícola brasileira com o Mercosul ainda é de 226%¹⁰⁶. Constata-se através dos dados, que após a constituição oficial do Mercosul, as exportações e importações brasileiras deste mercado tem aumentado sucessivamente, apesar da tendência decrescente no final da década motivada pela grave crise financeira vivida, principalmente pela Argentina, mas que afeta a praticamente todos os países da América Latina¹⁰⁷. Ao que tudo indica, essa integração tenderá a produzir relações de comércio mais intensas comparativamente as que ocorriam antes da constituição do bloco econômico.

Outro dado interessante é o de que os produtos importados são considerados básicos, sem nenhuma diferenciação, ou seja, produtos onde as vantagens comparativas são importantes na definição da competitividade dos mesmos. No caso do trigo, importado em sua maior parte da Argentina, essa característica fica clara, pois a produção brasileira diminuiu muito a partir da constituição do Mercosul, e como já foi dito anteriormente, 80% do trigo consumido no Brasil é importado da Argentina.

¹⁰⁶ Em termos de valores esse *déficit* é de US\$ 1.633.346 mil.

¹⁰⁷ MERCOSUL . Mercado Comum do Cone Sul. Disponível em <http://www.softline.com.br/fox/mercosul/index.htm> , acesso em mar de 2002.

6.4.4 - Estados Unidos, Nafta e Alca.

Em 1990, eram exportados para os Estados Unidos, produtos num valor equivalente a US\$ 946.303, sendo que esse foi um dos picos em termos de valor exportado¹⁰⁸. No ano de 2001 o volume exportado foi de US\$ 565.039, ou seja 59 % do valor exportado em 1990.

No tocante as importações, estas eram em 1990 de US\$ 266.392 mil, atingiram seu máximo em 1995, com um valor de US\$ 624.460 mil, e em 2001 haviam caído para US\$ 61.339, ou seja foram reduzidas a 23% do valor inicial. Essa oscilação se deve principalmente desvalorização cambial que ocorreu a partir de 1998, reduzindo a capacidade de compra da moeda brasileira, o que afetou sensivelmente os fluxos comerciais.

Na realidade o saldo da balança comercial agrícola brasileira não apresentou oscilações muito grandes no início e no final do período avaliado, o que demonstra que a abertura comercial em si não teria grandes efeitos sobre esses fluxos¹⁰⁹. Os valores mais baixos desses saldos ocorreram entre 1994 e 1996, exatamente no maior período de sobrevalorização cambial, em que as importações cresceram muito e as exportações, mesmo com todo o problema de preços internos vivido no período, não apresentaram crescimento favorável.

¹⁰⁸ O maior foi em 1997 com US\$ 973.749 mil

¹⁰⁹ JANK, Marcos S. O agribusiness no Mercosul, Alça e OMC. **Revista Preços Agrícolas**, Piracicaba, v. 11, nº 127, p. 6 -11, maio de 1997.

Por outro lado, o *Farm Bill* americano, aprovado em 1996, tendo sido festejado como o mais liberal da história¹¹⁰. A premissa básica era de que a agricultura adquirira capacidade para operar ao sabor das livres forças de oferta e demanda. Já em 1998 tal programa foi revisto e recebeu uma dotação orçamentária maior. Entre 1999 e 2000 os pagamentos governamentais triplicaram em relação ao período 1996/97.¹¹¹ Em 2000 os pagamentos governamentais aos produtores americanos alcançaram o valor de US\$ 23 bilhões, o que representa quase 57% da renda líquida dos produtores¹¹².

Para enfrentar esse tipo de proteção, a agricultura brasileira não pode apenas contar com a própria competitividade a fim de garantir sua inserção internacional. A negociação comercial parece ser a única forma de garantir tais mercados. E como a partir de 2002 a política agrícola americana passa a destinar proteção ainda maior aos seus agricultores, essa capacidade de negociação torna-se ainda mais necessária.

¹¹⁰ Segundo *Agroanalysis* - Revista de Agronegócios da Fundação Getúlio Vargas. **Casa de Ferreiro**. Vol 21, nº 4, Abril de 2001, p 49: As autoridades americanas não levaram em conta ao formularem tal programa - o *Freedom Act* - as razões pelas quais as cotações internacionais dos produtos agrícolas experimentavam um conjuntura de alta. Os estoques mundiais de cereais e oleaginosas estavam em baixa, com a quebra de produção decorrente das adversidades climáticas no próprio país, no biênio 1993 e 1994. O engano foi utilizar como referência os altos preços daquele momento de escassez para fixar os preços de garantia fixados no *Farm Bill*.

¹¹¹ *Agroanalyses* - Revista de Agronegócios da Fundação Getúlio Vargas. **Subsídios Selvagens**. Vol 21, nº 4, Abril de 2001, p.50.

¹¹² Ministério da Agricultura e do Abastecimento/Secretaria de política Agrícola - Revista de Política Agrícola ; Ano IX - Nº 4, ou/dez 2000. p.9.

O Brasil exportou para o Nafta (a exceção dos Estados Unidos) no ano de 1990 o equivalente a US\$ 925.470 mil, em 1996 exportava um total de US\$ 1.028.535 mil, já em 2001 as exportações foram de US\$ 883.803 mil, ou seja apresentou uma pequena redução em relação ao início da década.

No tocante as importações estas respondiam em 1990 por um total de US\$ 225.943 mil, tendo atingido seu auge em 1996, num valor de US\$ 679.802 mil, e em 2001 caíram para US\$ 77.377 mil. Ou seja embora as exportações tenham diminuído as importações também apresentaram tendência de queda, garantindo desta forma o saldo positivo na balança comercial agrícola do Brasil com o NAFTA¹¹³.

A abertura externa promovida unilateralmente, após a Rodada Uruguai, pelo Brasil, e em geral pelos países membros do grupo de Cairns enfrenta restrições injustificadas principalmente dos Estados Unidos e União Européia, dentre as quais se sobressaem, com relação aos Estados Unidos¹¹⁴, membro poderoso do Nafta:

- Suco de laranja: gravação com tarifa de US\$ 479,70 por tonelada, o que por sinal, eleva em 40% o preço do produto ao mercado consumidor norte-americano;

¹¹³ MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. Sub secretaria-geral de Assuntos de Integração Econômicos e de Comércio Exterior. **O Brasil e o Nafta: impacto sobre o comércio e investimentos**. Brasília. Abigraf. 1993. 138 p.

¹¹⁴ Consultar anexos 6 e 7.

- Carnes: a entrada no país da carne *in natura* está vedada sob o argumento de proteção zoonosológica, devido a ocorrência de focos de aftosa no rebanho bovino, a doença *new castle* nas aves e a peste suína clássica. Todos os países importadores de carne do Brasil aprovam o padrão sanitário que o País já alcançou nas regiões que fazem exportações;

- Açúcar: quota de 294.169 mil toneladas para o ano de 1997;

- Fumo: quota de 80.200 mil toneladas, para o ano de 1997;

- Etanol: diversos mecanismos de proteção aduaneira e de proteção de preços e incentivos fiscais; e,

- Frutas: tarifas elevadas e restrições sanitárias¹¹⁵

Existem, portanto, condições adversas para a inserção dos produtos brasileiros no mercado americano¹¹⁶. À exceção do suco de laranja em segundo lugar, as exportações brasileiras para aquele país se restringem a produtos considerados primários, com pouca ou nenhuma transformação industrial, como o fumo, a castanha de caju, o açúcar e a lagosta.

O que se percebe desta análise é o fato de que um aumento nas exportações é sempre acompanhado de aumentos nas importações, e vice-versa, demonstrando que a inserção

¹¹⁵Conforme SANTO, Benedito R. do E. & SEVERO, José R. Abertura externa e o saldo da balança comercial agrícola. Op. Cit. Pg. 19.

¹¹⁶ ABREU, Marcelo P. & LOYO, Eduardo H. M. M. **Globalização e regionalização: tendências da economia mundial e seu impacto sobre os interesses agrícolas brasileiros.** Brasília, IPEA, 1994. 133 p.

comercial do país está atrelada também as suas importações. Isso reforça a idéia de uma política comercial bem trabalhada, pois o isolamento em termos de importações pode levar a perda de mercados importantes para os produtos brasileiros.

Com relação a ALCA¹¹⁷, o comportamento do volume exportado e importado foi o mesmo que o relativo aos demais blocos, ou seja um crescimento inicial durante a década de 90 (1990 - 1.205.784), atingindo seu ápice entre 1995 e 1996 (3.064.026), para depois declinar atingindo em 2001 praticamente os mesmos valores no início da década (1.846.079).

Esse comportamento das exportações e importações brasileiras tem muito menos a ver com a política comercial implementada no período, ou então uma orientação de comércio exterior, e muito mais a ver com a supervalorização da moeda nacional em relação ao dólar, que foi a tônica do período¹¹⁸. Os preços dos produtos agrícolas atingiram preços tão baixos no mercado interno que tornou-se atrativo exportar, e o aumento das importações ocorreu em função do aumento no poder de compra do real.

Quando, a partir de 1999 o real começa a ser desvalorizado as exportações passam a apresentar tendência de queda¹¹⁹, e as

¹¹⁷ POLÔNIA, Sandra. **Impacto da Alca na agenda externa**. Rio de Janeiro; IPEA. 2001. 19 p.

¹¹⁸ REZENDE, Gervásio Castro. Agricultura e ajuste externo no Brasil: novas considerações. IN: **Revista de Economia Política**, v. 12, n. ° , dez de 1989. p. 56-72.

¹¹⁹ O que pode ser considerado um incongruência já que desvalorizações da moeda sempre foi considerada uma política de incentivo às exportações.

importações seguem a mesma tendência. Ou seja o produto produzido internamente passa a substituir novamente o que passara a ser importado no período.

O Brasil é um país de dimensões continentais, sua capacidade de abastecimento dos mais diversos produtos tem sido decantada como uma virtude maravilhosa. Essa diversidade produtiva realmente faz com que o país tenha uma postura mais isolada em termos de comércio internacional, no entanto isso não é a explicação para a ausência de uma política comercial que garanta uma posição estável no mercado internacional¹²⁰. O que falta ao país, ao longo de todo o período avaliado é a preocupação em garantir mercados aos produtos que o país tem para exportar.

Ao longo de toda a década percebe-se a capacidade de manter saldos positivos que apresenta a agricultura brasileira, no entanto também se percebe que, as exportações agrícolas não são motivo de nenhuma política comercial consistente, para garantir os níveis de inserção necessários ao crescimento do setor e mesmo da economia brasileira¹²¹. Num mundo que se organiza de forma cada vez mais contundente na

¹²⁰ MESQUITA, Theobaldo C. **Desempenho da agricultura e sua relação com alguns instrumentos de política econômica: 1970-1990**. Tese de Doutorado. USP - Universidade de São Paulo. Departamento de Economia, 1994. 224 p. MACHADO, J. B. M. GATT 1994: uma avaliação dos principais acordos e dos impactos sobre a política comercial brasileira. **Revista Brasileira de Comércio Exterior**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 40, p. 42-50, jul./set. 1994.

¹²¹ ABREU, Marcelo P. & LOYO, Eduardo H. M. M. **Globalização e regionalização: tendências da economia mundial e seu impacto sobre os interesses agrícolas brasileiros**. Brasília, IPEA, 1994. 133 p.

busca de garantir seus mercados isso é uma atitude que provoca danos sérios aos setores produtivos.

Da análise da inserção da agricultura brasileira no mercado internacional, na década de 90, depreendem-se algumas constatações interessantes. A primeira refere-se ao fato de a maior parte dos produtos brasileiros exportados, onde o país tem apresentado condições de competitividade, ainda sejam aqueles em que o grau de processamento pela indústria é menor.

O setor que mais cresceu, durante o período de 1990 a 1996, em termos de exportação foi o de produtos semimanufaturados, ou seja, este tem melhorado suas condições de inserção e tem atingido cada vez mais mercados, o que sem dúvida é uma evolução positiva.

O processo de globalização não impõe opções às nações, e a agricultura brasileira vem respondendo de forma satisfatória às novas necessidades de inserção do setor no mercado mundial. Em contextos favoráveis as exportações agrícolas tem aumentado rapidamente, principalmente para a Comunidade Econômica Européia e para os países asiáticos e de forma menos intensa para os Estados Unidos e Mercosul.

A participação da agricultura brasileira¹²², na balança comercial, se bem que significativa em termos de exportações, ainda é muito pequena em relação ao volume de comércio mundial. Fatos novos, em termos de mercado internacional como

¹²² MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. Sub secretaria-geral de Assuntos de Integração Econômicos e de Comércio Exterior. **O Brasil e o Nafta: impacto sobre o comércio e investimentos**. Brasília. Abigraf. 1993. 138 p.

a abertura de grandes mercados dentre eles a União Européia e o Japão, crescimento da renda em algumas regiões como a China, com redução do protecionismo, redução das restrições não tarifárias, esgotamento da capacidade de oferta por países tradicionalmente supridores mundiais de alimentos e por fim, a capacidade do Brasil de ser fonte confiável de alimentos de forma regular, além de ser um dos últimos países do mundo que dispõe de áreas a serem incorporadas ao processo produtivo, garantem ao país grande potencial de inserção no mercado mundial¹²³.

Nesse contexto, a política comercial adotada pelo país tem importância estratégica e a taxa de câmbio é um dos meios utilizados para instrumentalizar a política comercial de um país. No Brasil, historicamente, dentre todos os instrumentos utilizados para incentivar as exportações, as minidesvalorizações cambiais foram as que mais beneficiaram a agricultura, pois reduziram a variação da taxa de câmbio real.

Em trabalhos publicados pela Revista Preços Agrícolas (nºs -130 e 131), Fernando Homem de Melo¹²⁴ analisa os efeitos da política de valorização cambial implementada na década de 90. Esta foi, segundo o autor, uma das questões mais controversas do Plano Real e os constantes *déficits* externos

¹²³ SANTO, Benedito R. do E. & SEVERO, José R. Abertura externa e o saldo da balança comercial agrícola. **Revista Preços Agrícolas**, 129. Brasília. P. 10-23, julho/1997.

¹²⁴ HOMEM DE MELO, F. Efeitos negativos da política cambial sobre a produção agrícola. **Preços agrícolas**, Piracicaba, ^a 11, n.131, p. 4-6, set. 1997.

seriam uma das provas de que a questão é muito séria. Conclui que a forte valorização cambial provocou expressiva redução dos preços reais aos agricultores, e a conseqüente diminuição da área plantada, houveram no entanto, durante o período avaliado, aumentos de produtividade¹²⁵.

Essa política de sobrevalorização cambial teve uma certa orientação de expor a base produtiva nacional a um esforço de vencer os desafios de competitividade, ou seja, o governo apostou na estabilidade do comércio internacional durante a década de noventa. O aumento da produtividade da agricultura é o efeito positivo dessa exposição da agricultura, mas a estagnação da área cultivada pode ser um sinal de que este tipo de política possa exercer efeitos negativos sobre o setor agrícola.

É importante para a agricultura nacional, bem como para os demais setores produtivos, que na execução da política cambial nacional se buscasse a aplicação de uma taxa de câmbio de equilíbrio. Isso evitaria uma proteção artificial exercida por uma taxa de câmbio subvalorizada ou então uma exposição muito perigosas dos setores nacionais à concorrência externa,

¹²⁵ Segundo HOMEM DE MELO, F. Efeitos negativos da política cambial sobre a produção agrícola. **Preços agrícolas**, Piracicaba, ^a 11, n.131, p. 4-6, set. 1997. Durante 1989/96, com algumas oscilações, a produção total das oito culturas (café, laranja, algodão, soja, milho, batata, feijão e arroz) ficou estagnado. Ao lado disso, houve expressivo declínio da área cultivada total. Esta alcançou seu mais baixo nível em 1996 (-11,2% relativamente a - 4,7 milhões de hectares). O lado positivo do período, por sua vez foi o significativo crescimento da produtividade da terra com aumento do 13,1 entre 1989 e 1996.

nem sempre "leal", através de uma taxa câmbio sobrevalorizada. A taxa de câmbio de equilíbrio deveria ser aquela que permita que a base produtiva exerça sua competitividade de forma plena, e assim dar condições reais de a agricultura aumentar sua inserção no mercado internacional.